

Universidade de Zagreb  
Faculdade de Letras e Filosofia  
Departamento de estudos românicos  
Mestrado em língua e literatura portuguesa

TRADUZIR JOÃO TORDO:  
EXCERTO DO ROMANCE *O BOM INVERNO*  
Tese de mestrado

Estudante: Lucija Belošević

Orientador: Dr. sc. Nina Lanović

Zagreb, Dezembro de 2014.

## Índice

1. Introdução.....	3
2. Sobre o autor.....	4
3. <i>O Bom Inverno</i> .....	4
3.1. Opiniões da crítica literária.....	5
4. Algumas características da escrita do João Tordo: nível do texto e nível lexical	
4.1. Nível do texto.....	8
4.2. Nível lexical.....	10
5. Tradução.....	15
6. Conclusão.....	50
7. Resumo em língua croata (Sažetak na hrvatskom jeziku).....	51
8. Referências bibliográficas.....	52

## 1. Introdução

João Tordo, embora seja um escritor jovem, já ganhou muitos prémios e, segundo alguma crítica literária, passou a ser o criador do novo romance do século XXI em Portugal. O objeto da presente tese será o seu romance *O Bom Inverno*, publicado em 2010.

Nesse trabalho serão apresentados alguns factos sobre a vida e obra do João Tordo, o conteúdo do romance e as diferentes opiniões, em alguns casos até opostas, dos críticos literários. Será também feita uma análise estilística ao nível do texto e ao nível lexical de um excerto do romance *O Bom Inverno* e da sua tradução para língua croata com o objetivo de destacar algumas características da escrita de João Tordo. Ao nível do texto vamos distinguir, por um lado, a narração e, por outro lado, os diálogos, enquanto no âmbito lexical vamos observar o uso das palavras que pertencem à gíria ou que têm um significado coloquial, das palavras estrangeiras, dos epítetos, das expressões idiomáticas e o uso das citações. Além dos exemplos do texto original, serão apresentados alguns problemas que surgiram durante o processo da tradução, como também as soluções e exemplos do texto traduzido.

A última e a maior parte desse trabalho será a tradução dos sete capítulos do romance para croata.

## 2. Sobre o autor

João Tordo nasceu no dia 28 de Agosto de 1975 em Lisboa. Formou-se em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa. Depois do curso trabalhou como jornalista *freelancer* em vários jornais. Mudou-se para Londres em 1999 onde estudou jornalismo. Viveu também em Nova Iorque e lá fez cursos de escrita criativa do City College. Em 2001 ganhou o prémio Jovens Criadores na categoria de Literatura. No início da sua carreira como escritor publicou os romances *O Livro dos Homens sem Luz*, em 2004, e *Hotel Memória*, em 2007. Em 2008 publicou o romance *As Três Vidas* que recebeu o Prémio Literário José Saramago e cuja edição brasileira foi finalista do Prémio Portugal Telecom em 2011. O romance *O Bom Inverno*, publicado em 2010, foi o finalista do prémio Melhor Livro de Ficção Narrativa da Sociedade Portuguesa de Autores e do Prémio Literário Fernando Namora. A tradução francesa do mesmo romance ficou entre as obras seleccionadas para a 6.<sup>a</sup> edição do Prémio Literário Europeu. *Anatomia dos Mártires*, romance publicado em 2011, foi finalista do Prémio Literário Fernando Namora. Publicado em 2014, *Biografia involuntária dos amantes* é o seu sétimo romance. Os seus livros estão publicados em França, Itália, Brasil, Sérvia e Croácia. João Tordo trabalha como cronista, tradutor, guionista e formador em workshops de ficção.

Como este trabalho será dedicado ao romance *O Bom Inverno*, nos próximos capítulos serão apresentados o conteúdo e as críticas literárias do romance e da obra do João Tordo em geral.

## 3. *O Bom Inverno*

O romance *O Bom Inverno* dentro de um conteúdo que parece elaborar um tema policial, inclui também perguntas sobre o sentido da literatura, da vida, perguntas sobre a natureza psíquica das pessoas através da vida da personagem principal, ou seja, do próprio narrador.

Um jovem escritor, que escreva uma obra-prima que nunca será escrita, fica abandonado por todos por causa da sua apatia. Frustrado, hipocondríaco e coxo, com uma bengala e consumação excessiva do *Vicodin*, parecendo Dr. House, viaja à Hungria para participar num

encontro literário sem planos de fazer uma viagem turística ou prolongada. Em Budapeste conhece Vincenzo Gentile, um escritor italiano jovem com energia e vontade enorme de experimentar o mundo. Vincenzo consegue convencê-lo a ir à Itália a casa do famoso produtor Don Metzger, uma casa de província escondida no meio de um bosque, chamada, apesar de servir como uma casa de passar a temporada do Verão, O Bom Inverno. O Metzger tem duas obsessões: cinema e balões de ar quente. Na sua fazenda realiza ambas: organiza encontros informais com escritores, realizadores e actores com os quais, no final, faz contratos, e constrói enormes balões. A história complica-se quando Metzger, depois de uma noite cheia de álcool, acaba morto no próprio lago. O amigo fiel de Metzger chamado Bosco jura vingar o morte dele e assim começa uma grande procura pelo assassino, dentro da qual todos os presentes passam a ser suspeitos. Com o medo crescendo, as personagens acusam-se e atraíam-se mutuamente. Um a um, são confrontados não só com o assassino, mas também com os seus próprios medos e pesadelos, até que no final sobrevivem só alguns para contar a história.

A ação é desenvolvida sem pausas, „num registo acentuadamente fílmico, ao longo das quatro partes do livro („A Mulher de Wilhelm Rontgen“, „Sabaudia“, „O Bom Inverno“ e „O Deus do Bosque“), sem que as mesmas interrompam a sequência dos XXIX episódios (acrescidos de um epílogo) inclusos no romance.“<sup>1</sup>

### 3.1. Opiniões da crítica literária

Com a publicação do romance *O Bom Inverno* a crítica literária deu a sua opinião não só sobre o romance, mas também analisa a relação do autor com a literatura, considerando o facto de João Tordo demarcar-se da aura de escritor e de não escrever para fazer literatura. Segundo alguns críticos João Tordo é representado como autor „do novo romance de século XXI em Portugal“<sup>2</sup>. A sua obra, especialmente o romance *O Bom Inverno*, revela-se interessante por causa das perguntas que surgem dentro de uma história policial: qual é o sentido da literatura, o que é um romance bom, porque é que as pessoas fazem, ou melhor dizer, escrevem literatura. Embora

---

<sup>1</sup>Eunice Ribeiro, „João Tordo: O BOM INVERNO“, em *Colóquio – Letras: revista quadrimestral*, número 177, diretor Nuno Júdice (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 248.

<sup>2</sup> João Céu e Silva, *Diário de Notícias*. A citação foi usada na contracapa do livro *O Bom Inverno*, 2010.

se demarque da aura de escritor, Tordo não abandona o jogo paródico ou a intertextualidade, o que é visível na formação das personagens, visto que a personagem principal é um escritor. Quando falamos da intertextualidade, Eunice Ribeiro (2011) destaca alguns ambientes narrativos que se cruzam na história, por exemplo, o universo intelectual de escritores e artistas e o universo característico da literatura fantástica, o erudito com o primitivo, a introspecção com o ritmo do *thriller*, os quais podemos pôr em ligação com os textos do Milan Kundera, Edgar Allan Poe ou Donna Tartt. Os críticos também destacam a importância do espaço no romance. Tordo „deteritorializa as suas figuras ficcionais“<sup>3</sup> e põe a ação completa „em espaços 'estrangeiros' como estratégia propulsora de tensão narrativa“<sup>4</sup>, primeiro em Budapeste e depois em Sabaudia. Sabaudia representa um lugar estranho e desorientador, lugar de cruzamentos ideológicos e estéticos (de arquitectura fascista de Mussolini até ao surrealismo de Fellini). No final, Sabaudia passa a um lugar de confronto com os próprios medos, com a solidão, a perda, a morte e a própria finitude.

Além do espaço, os críticos destacam os diálogos como o facto mais importante de fazer o ritmo narrativo apropriado. Para sustentar uma situação narrativa e fazer tensão psicológica Tordo usa a morte violenta de Metzger, mas a desenvoltura dos diálogos que são adequados às circunstâncias e às personagens, ou seja, são curtos e leves, „contribui para sedimentar o 'plot', mantendo a fluência do ritmo narrativo.“<sup>5</sup>

Por outro lado, há críticos que não concordam com as opiniões escritas anteriormente. Na opinião de Nogueira, João Tordo pertence à indústria de escrever, embora ele mesmo diga que não pertence ao cânone e que não planifica os seus romances.<sup>6</sup> Segundo Nogueira, os romances do Tordo são planificados pela ordem do „senso comum industrial e comercial“. O texto e a ação são feitos para indicar uma possível transposição para o cinema a maneira de „didascalizar“ o futuro filme. Além disso, para ele a história contada fica muito próxima dos „Reality-Shows“, como, por exemplo, „Big Brother“, onde as personagens tratam de sobreviver dentro de um

---

<sup>3</sup> Ribeiro, op. cit., 248.

<sup>4</sup> Ibid., 248

<sup>5</sup> Eduardo Pitta, „O Verão Verdadeiro“, *Público: Cultura – Ípsilon*, 1 Set. 2010; consultado em 28 Out. 2014; [www.publico.pt](http://www.publico.pt)

<sup>6</sup> Alberto Velho Nogueira, „O Bom Inverno – João Tordo – Publicações Dom Quixote, 2012 – Análise de um livro – O uso da Língua e a sua relação aos leitores 36“, *Alberto Velho Nogueira – Homen à Janela*, 26 Nov. 2013; consultado em 5 Out. 2014; [www.albertovelhonogueira.blogspot.com](http://www.albertovelhonogueira.blogspot.com)

espaço fechado. Descreve-se o social mais banal, sem nenhum interesse em sair da língua comum, dos lugares mais comuns, das actividades mais básicas. Como exemplo disso, Nogueira indica o uso do sexo e da sexualidade na história como somente um consumo mais, „no sentido da distração do leitor, da colaboração do divertimento com as normas da indústria do livro de ficção.“<sup>7</sup> Nogueira faz a mesma correlação com os diálogos entre as personagens, dizendo que eles também são parecidos com os diálogos das personagens de „Big Brother“. Nos diálogos desse tipo são representados os indivíduos consumidores num quotidiano que fica caracterizado por cigarros, bebidas alcoólicas, sexo, música, diálogos íntimos e refeições.

Independentemente de pertencerem os diálogos e a ação da história ou não ao mundo do „Big Brother“, eles são uma das características da escrita de João Tordo, às quais será dedicado o próximo capítulo.

---

<sup>7</sup> Ibid.

## 4. Algumas características da escrita do João Tordo: nível do texto e nível lexical

### 4.1. Nível do texto

A análise a seguir será feita a dois níveis: ao nível da construção do texto e ao nível da palavra, ou podemos dizer, ao nível lexical. Será baseada nos exemplos do excerto traduzido, incluindo os problemas e as soluções que surgiram ao longo do processo da tradução.

Quando observamos o texto completo de João Tordo, podemos dividi-lo em duas partes: a narração e os diálogos. Uma das características da escrita de Tordo na parte da narração são as frases extensas. Dentro das frases frequentemente surgem partes interpoladas as quais podemos definir como comentários do narrador. Os comentários interpolados representam a fusão das vozes do autor e do narrador, ou seja, representam a entrada da voz do autor na voz do narrador. Na maioria dos casos as frases desse tipo surgem quando o narrador descreve situações ou outras personagens. Em alguns casos o autor usa essa maneira de escrever, ou seja, usa esse tipo de frases extensas, para criar um tom irónico ou sarcástico. Os exemplos a seguir mostram o uso das frases extensas e da ironia no texto:

„Foi um momento dramático e, se não houvésssemos caído naquele torpor pesado e ruminante que de nós se apoderou, alguém teria erguido um braço para, *por entre lágrimas ou sorrisos*, acenar um último adeus a Don Metzger.“

„Portanto, eu era escritor e, embora não acreditasse na literatura – *ou precisamente por causa disso, porque algumas pessoas teimam em bater com a cabeça nas paredes* –, remetia todas as esperanças de futuro numa carreira literária que se recusava a sair do lugar, tratando a vida como um caixote do lixo por não saber o que fazer com ela.“

„Ignorando os melhores conselhos da família e dos amigos, e sem saber ainda que era preciso ter cuidado com o que oferecíamos ao mundo – *pois a miséria e a solidão ficcionados podiam tornar-se reais* –, acabei por ser despedido de um emprego estável como guionista numa pequena produtora de televisão, em Setembro do ano passado, por me incompatibilizar com os colegas, com o meu chefe e até com as senhoras da limpeza que amiúde esbarravam comigo a dormir nas casas de banho a meio do expediente.“



„O taxi atravessou, devagar, a ponte que cruzava o Danúbio, enquanto o taxista falava ininterruptamente, *num inglês miserável*, sobre os problemas dos deficientes nos transportes públicos.“<sup>8</sup>

Para captar a atenção do leitor em personagens e descrições da situação, o autor usa construções nas quais repete um verbo durante uma ou duas frases ou usa vários verbos conjugados no mesmo tempo verbal. Por exemplo:

„*Foi* assim que o Bom Inverno começou. *Foi* em Sabaudia, *foi* há uns meses (embora me pareça ter sido há muito mais tempo), *foi* por acaso e, ainda assim, sempre que...“ / „Bio je to početak Dobre Zime. Bilo je to u Sabaudiji, bilo je prije nekoliko mjeseci (iako mi se čini da je prošlo puno više vremena), bilo je slučajno, a usprkos tomu, uvijek kada...“

„...uma paciente rapariga chamada Magda, com quem andava a sair nessa altura, que deixou o trabalho a meio da tarde para me ir buscar (Magda *trabalhava* num banco, *lia* obsessivamente os livros de Milan Kundera e, por alguma razão insondável, *gostava* de mim).“<sup>9</sup> / „...strpljive djevojke po imenu Magda, s kojom sam izlazio u to vrijeme, i koja je usred dana ostavila posao da me potraži (Magda je radila u banci, opsesivno čitala knjige Milana Kundera i, iz nekog čudnog razloga, bila zaljubljena u mene).“

Os diálogos, por outro lado, são feitos de maneira completamente oposta. Construídos por frases curtas, dão a impressão do ritmo rápido e da leveza das conversas. As réplicas seguem-se uma após outra em intervalos curtos e frequentemente consistem só em uma ou duas palavras. O melhor exemplo disso é a conversa telefónica entre o narrador e o assistente editorial que o tinha chamado para o ciclo de conferências na Hungria:

„'Não', respondi.

'É pago', disse ele.

'O quê?'

'A conferência. É paga, e bem paga.'

Quis recusar novamente mas depois hesitei. Fez-se silêncio.

'Estás disponível?', perguntou o assistente.

---

<sup>8</sup> João Tordo, *O Bom Inverno* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010), 11, 14, 15, 26.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 12, 17.

'Sim. Quero dizer, depende.'

'Depende do quê?' (...)“<sup>10</sup>

#### 4.2. Nível lexical

Como já foi indicado antes, o segundo nível da análise será o nível das palavras, ou seja, o nível lexical dentro do qual vamos observar grupos de palavras que no texto se distinguem ou pela sua origem ou pela sua função. O primeiro grupo serão as palavras que pertencem à gíria e à linguagem coloquial. O autor usa essas palavras para dar uma descrição mais completa das personagens. Ele aproxima as personagens ao mundo dos jovens e coloca-as dentro de um espaço urbano (no romance é possível notar que as personagens vivem em grandes cidades europeias como Londres, Roma, Lisboa). As palavras que podemos destacar como exemplos são *xaropada*, *bestial*, *tubarão*<sup>11</sup>, ou até sintagmas como *nem mais*, *e peras*, *do caraças*<sup>12</sup>. Por causa de pertencer à língua de determinados grupos, o significado dessas palavras às vezes não fica registado nos dicionários formais, o que foi um obstáculo no processo da tradução do texto para croata. Para resolver o problema, era preciso buscar os significados nos websites como [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) ou [www.ciberduvidas.com](http://www.ciberduvidas.com) e depois, para manter o nível estilístico das palavras no texto traduzido, em alguns casos o melhor era usar as palavras que pertenciam à gíria croata. Claro, há casos onde não podemos encontrar a substituição adequada ao nível estilístico ou até ao nível semântico. Nos casos desse tipo o mais importante é transmitir o

---

<sup>10</sup>Ibid., 22-23.

<sup>11</sup> *xaropada* – treco sem graça; mau, aborrecido, chato; [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)

*bestial* – *coloquial* formidável, sensacional, magnífico; [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

*tubarão* – *figurado* pessoa que auffer grandes vencimentos, em especial, referents a vários cargos; [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

<sup>12</sup> *nem mais* – exactamente, confirmação de algo dito anteriormente por outrem; [www.forum.wordreference.com](http://www.forum.wordreference.com)

*e peras* – relacionado ao verbo gostar, ao dizermos „uma mulher e peras” ou „um negócio e peras” estamos a referir-se a uma pessoa que nos agrada ou a um negócio favorável; [www.ciberduvidas.com](http://www.ciberduvidas.com)

*do caraças* – *coloquial* muito grande, importante, impressionante, excelente; [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

sentido da frase, como, por exemplo, no sintagma *e peras*, onde, por falta do sintagma idiomático semelhante na língua croata, o sintagma dado foi substituído pelo advérbio *znanimljiv*. Seguem os exemplos do texto original e do texto traduzido:

„Não fiz qualquer comentário; soava-me uma *xaropada* de Hollywood.“ / „Nisam ništa komentirao; zvučalo mi je kao još jedna holivudska *glupost*.“

„'Perfeitos um para o outro, não achas?', perguntou Nina. '*Nem mais*', respondi.“ / „'Savršeni jedno za drugog, je l' da?', upita Nina. '*Upravo tako*', odgovorim.“

„'Que personagem *e peras*, esse Metzger', aventei.“ / „'Zanimljiv lik, taj Metzger', zaključio sam.“

„'Ouve lá, estou a ter uma ideia *bestial*.“ / „'Slušaj, imam *zvjersku* ideju.“

„Passar uns dias na casa de Metzger pode ser uma experiência *do caraças*.“ / „Provesti nekoliko dana u Metzgerovoj kući moglo bi biti *jebeno* iskustvo.“

„Já pensaste que pode ser uma boa oportunidade para ele? Se as coisas forem como parecem ser, se esse Metzger for mesmo um *tubarão*, e se o romance do Vincenzo for bom, talvez possa ter a mesma sorte que o do McGill.“<sup>13</sup> / „Jesi li razmišljala da to može biti dobra prilika za njega? Ako su stvari takve kakvima se čine, ako je Metzger stvarno takva *faca* i ako je Vincenzov roman dobar, možda će imati sreće kao i McGill.“

Como próximo grupo podemos distinguir as palavras que pertencem a uma língua estrangeira. No texto são destacadas por serem escritas em itálico e na sua grafia, ou seja, escrita original. Tordo usa palavras estrangeiras para descrever o espaço estrangeiro no qual coloca as suas personagens. Por exemplo, quando as personagens estão na Hungria, usa os nomes da comida e bebida nacional, como *paprika* e *vodka*. Como tais, essas palavras são desconhecidas na língua portuguesa, mas em croata elas existem com a mesma grafia e, considerando esse facto, não é necessário destacá-las com itálico:

„Bebemos vinho e partilhámos salmão grelhado, galinha com cogumelos e vitela com *paprika*. (...) Depois do jantar, Vincenzo acendeu um cigarro e pediu um *vodka*; perguntou-me se o acompanhava...“<sup>14</sup> / „Pili smo vino i podijelili lososa s roštilja, kokoš s gljivama i teletinu s

---

<sup>13</sup>Ibid., 32, 32, 42, 45, 46, 52.

<sup>14</sup>Ibid., 37.

paprikom. (...) Nakon večere Vincenzo je zapalio cigaretu i naručio votku; pitao me hoću li mu se pridružiti...“

No texto também podemos encontrar palavras em inglês ou latim que são do uso comum, ou seja, são conhecidas dos leitores portugueses, como também dos leitores croatas e, por essa razão, permanecem na mesma forma no texto traduzido. Por exemplo:

„O que significa é que tens hotel e a comida à borla e um *per diem* bastante razoável.“ / „To znači da imaš hotel i hranu besplatno i poprilično pristojnu *per diem*.“

„Quero dizer, houve umas *baby-sitters*.“ / „To jest, imao sam *baby-sitters*.“

„O Clayton safa-se de morrer numa explosão dentro do carro porque vai ver a manada de cavalos. *Deus ex machina*. O árbitro intercede a seu favor.“<sup>15</sup> / „Clayton se spasi od smrti u eksploziji auta jer ide vidjeti stado konja. *Deus ex machina*. Slobodna volja posreduje u tvoju korist.“

Além do uso das palavras estrangeiras e da gíria, é importante destacar o uso frequente dos epítetos. Podemos encontrar um grande número de epítetos nas descrições da aparência física das personagens e das situações, como nas frases seguintes:

„A primeira vez que ouvi falar de Don Metzger – um homem tão *intenso* e *fugaz* como um cometa – foi num restaurante em Budapeste na última Primavera.“

„Tinha os dentes *tortos* e olhos *profundos*. O cabelo era *negro*, com a *espessura da palha*, *espigado em todas a direcções*. Usava um casaco *preto*, gravata e calças de *ganga*.“<sup>16</sup>

Em algumas situações, Tordo usa o adjetivo *estranho*, mas na forma do superlativo, *estranhíssimo*. A forma dada surge normalmente nos textos em português, mas quando falamos da tradução para croata, existem duas possibilidades de como traduzi-la. Podemos seguir a língua literária e traduzir por sintagma composto *jako čudan* ou *vrlo čudan*, ou com o prefixo *pre-* que se usa frequentemente na linguagem coloquial ou na gíria, neste caso *prečudan*. Nesse trabalho foi usada a forma *vrlo čudan*, dado que a linguagem do narrador fica bastante próxima da linguagem dos jovens dentro dos diálogos, enquanto dentro da narração usa linguagem muito mais literária:

---

<sup>15</sup> Ibid., 23, 38, 56.

<sup>16</sup> Ibid., 13, 28.

„Eva Kalman lutou contra um inglês rústico durante meia hora, apresentou cada um dos presentes – a maioria dos escritores era da Europa Leste e tinha nomes *estranhíssimos*; ...“<sup>17</sup> / „Eva Kalman borila se s grubim engleskim pola sata, predstavila sve prisutne – većina pisaca bila je iz Istočne Europe i imala *vrlo čudna* imena;...“

Uma coisa mais para destacar na escrita de João Tordo são as expressões idiomáticas, que são muito interessantes quando observamos a sua tradução para croata. Antes de falar das soluções que escolhemos no processo da tradução das expressões idiomáticas, seria útil mencionar os graus de equivalência possíveis quando falamos da tradução. Existem três graus de equivalência e daí segue-se que as expressões idiomáticas de duas línguas podem dividir-se em três grupos<sup>18</sup>:

- 1) as expressões idiomáticas com equivalência plena ou quase plena na forma, no conteúdo e com o mesmo valor conotativo;
- 2) as expressões idiomáticas diferentes na forma, mas similares no conteúdo (equivalência semântica);
- 3) as expressões idiomáticas que não têm equivalente idiomático (ausência de equivalência).

Nos exemplos a seguir podemos ver que as expressões idiomáticas da língua portuguesa *morrer na praia* e *por portas travessas*<sup>19</sup> não têm equivalentes absolutos em croata. Por isso decidimos usar expressões idiomáticas que têm forma diferente, mas contêm equivalência semântica, ou seja, podem transmitir o conteúdo semântico da frase portuguesa para a frase croata. Seguem os exemplos do texto original e do texto traduzido:

„Evidentemente, forcei o despedimento com atitudes insubordinadas que é escusado descrever aqui e, dois anos após a publicação do terceiro romance – que, como os anteriores, *morrera na praia* –, decidi caminhar voluntariamente para o meu cadafalso...“ / „Jasno, isforsirao sam otkaz svojim nepodčinjenim stavovima koje je nepotrebno ovdje opisivati i, dvije godine nakon izdavanja trećeg romana – koji je, kao i prethodni, *odustao pred ciljem* –, odlučio sam dobrovoljno ići prema svojem stratištu...“

---

<sup>17</sup> Ibid., 27.

<sup>18</sup> Marques e Teletin: 2011, 353.-355.

<sup>19</sup> *morrer na praia* – desistir na reta final, desistir quase conseguindo o objetivo; [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)  
*por portas travessas* – por meios ocultos, indiretos ou ilícitos; [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

„Por isso fazem tudo *por portas travessas*.“<sup>20</sup> / „Zato sve rade *ispod stola*.“

Temos também um exemplo onde o autor joga com a frase idiomática *não lembrar ao diabo*<sup>21</sup>, usando-a numa primeira vez na sua forma original e a segunda vez construindo uma frase inversa. Na tradução foi usada a expressão idiomática *igrati se s vragom / igranje s vragom* que representa a ausência da equivalência dado que não corresponde à expressão portuguesa nem ao nível da forma nem ao nível do conteúdo, mas consiste na palavra *diabo* e assim permite repetição do jogo que o autor faz com as duas frases no texto original, o que podemos notar no exemplo a seguir:

„Livre-se da bengala', disse, em tom paternalista. '*Não lembra ao diabo* um homem de trinta e tal anos andar por aí como se fosse um velho.' (...) O médico tivera razão numa coisa: um homem de trinta e tal anos com uma bengala *não lembra ao diabo*; era preciso mais atrevimento para que *o diabo se lembrasse de nós*.“<sup>22</sup> / „Riješite se štapa', reče zapovjedničkim tonom. 'Čovjek od trideset i nešto godina koji hoda okolo kao starac *igranje je s vragom*.' (...) Liječnik je imao pravo u jednoj stvari: čovjek od trideset i nešto godina koji ima štap *igranje je s vragom*; trebalo je ipak malo više drskosti da *se vrag poigra s nama*.“

No final, o último que vamos destacar nesse capítulo será a intertextualidade, ou seja, a citação oculta. Como já foi mencionado antes, podemos ligar a escrita de João Tordo com a escrita do Milan Kundera, Edgar Allan Poe ou de Donna Tartt quando falamos do espaço ou da narração em geral. Mas o autor fez também uma citação indireta e entremeteu nas réplicas das personagens um verso do poema *Estou cansado*, cujo autor é Fernando Pessoa, quer dizer, o seu heterónimo Álvaro de Campos. Na literatura portuguesa Fernando Pessoa é conhecido como O Poeta, o que João Tordo utilizou no seu texto, mas escrevendo o cognome com minúscula:

„A ferida dói como dói, não era assim que dizia o poeta?“<sup>23</sup>

Para fazer a mesma alusão a Pessoa no texto em croata, decidimos escrever a palavra *pjesnik* com maiúscula:

„Rana boli kako boli, nije li tako rekao Pjesnik?“

---

<sup>20</sup> Tordo, op. cit., 15, 53.

<sup>21</sup> *não lembrar ao diabo* – diz-se de ideia inédita, extraordinária ou absurda; [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt)

<sup>22</sup> Ibid., 20.

<sup>23</sup> Ibid., 32.

## 5. Tradução

### Žena Wilhelma Rontgena

#### I.

Smjestili smo čovjeka u košaru balona i pustili da nestane na blijedom nebu Lazia. Bio je to dramatičan trenutak i da nismo upali u ono teško preživačko mrtvilo koje nas je obuzelo, netko bi podignuo ruku da, kroz suze ili smijeh, posljednji put mahne Donu Metzgeru. Bilo je potrebno osam ruku da prenesemo tijelo od auta do gondole od pruća kraj koje je nesretni Bosco, uz pomoć vjernog Alipija, napunio hladnim zrakom vreću od crnog najlona, a veliki ventilator zaglušio je onaj tako tužan dan. Smjestili smo Dona unutar gondole najbolje što smo mogli – onoliko koliko je bilo moguće smjestiti jednog gorostasa – a nakon toga je, gestom punom ljubavi koja se na kraju činila okrutnom, Bosco otvorio ventil na boci s propanom i upalio plamenik, plamen je zapalio zrak i podignuo gondolu od poda kao da je nosi na dlanu neke nevidljive ruke. Bilo je rano tog jutra, a Don je već putovao u smjeru beskonačnosti gdje su skupine oblaka različitih tonova sive, okupanih melankoličnim suncem, polako napredovale prema planini, nadlijećući je kao bijesni anđeli koji nose nagovještaj strašnih vremena.

Nitko se od nas nije pomaknuo dok se crni balon penjao prema nebu, čak ni kada je taj već bio minijatura, ocrтана na oblačnom prostranstvu. U izobličenom krugu, na proplanku šumarka, promatrali smo posljednje Donovo uzdizanje, znajući da smo mi ti koji ostaju sami na svijetu, a ne on. Možda nam je nedostajalo hrabrosti; možda smo, u tom trenutku, već naslutili da ne znamo ništa napraviti bez Dona i da ćemo zauvijek ostati podvrgnuti ropstvu njegove odsutnosti. Bio je to početak Dobre Zime. Bilo je to u Sabaudiji, bilo je prije nekoliko mjeseci (iako mi se čini da je prošlo puno više vremena), bilo je slučajno, a usprkos tomu, uvijek kada pomislim na stvari koje su mi se dogodile, ostavljam mogućnost da nije postojala nikakva slučajnost i da se sve može objasniti, da bih kasnije, uz smiješak i mlitavo mahanje glavom, rekao sam sebi da je beskorisno brzati jer je najbolje početi od početka.

Postoje, zapravo, razlozi da bi se objasnilo kako su se stvari dogodile, a, ako postoje razlozi, moguće je posložiti ih nekim kronološkim slijedom. Međutim, kao što je to u načinu

funkcioniranja svemira, rijetko sve odgovara zbroju dijelova. Ali posve sigurno mogu objasniti dijelove ili barem pokušati to učiniti: kako sam dospio u Italiju kada je moj cilj bio vratiti se u Lisabon iz Mađarske; kako sam proveo to vrijeme u društvu neznanaca koji su postali moji bližnji i, kasnije, moji neprijatelji; kako je Don Metzger završio naguran u gondolu balona nakon što je umro; kako je taj balon, imitirajući posljednju volju ranjene ptice, prešao više od sto kilometara nošen zračnim strujama i strmoglavio se daleko od otoka Ponze. Korak po korak, moguće je ispričati priču, iako je nemoguće, na kraju, shvatiti je. Ja je ne razumijem i moja braća po nevolji je ne razumiju – ili zato što su mrtvi, ili zato što su prestali postojati za mene, što, na kraju krajeva, dođe na isto. Uvijek postoje razlozi; ali, kao što svi znamo, razlozi nikada neće biti dovoljni. Usprkos tomu, i jer ih svaka priča mora u nekom trenutku izložiti da bi opravdala sama sebe, počet ću upravo od njih.

## II

Prvi sam put čuo o Donu Metzgeru – čovjeku toliko snažnom i nepostojanom poput kometa – u jednom restoranu u Budimpešti prošlog proljeća. U to sam vrijeme živio od novčane pomoći za nezaposlene već šest mjeseci i Mađarska je bila posljednje mjesto na svijetu u kojem sam zamišljao da bih se mogao naći. Zatekao sam se tamo kao što sam se mogao zateći na bilo kojem drugom mjestu, a na kraju sam, protiv svoje volje, sklopio poznanstvo s Vincenzom Gentileom. Vincenzo je bio taj koji mi je pričao o Donu i zbog Vincenza sam proveo neko vrijeme u Sabaudiji, provincijskom gradiću na talijanskoj obali za koji nikad nisam čuo i koji se ne nalazi na uobičajenim rutama turista, pa čak ni na uobičajenim rutama talijanskih turista. Ali zasigurno nisam zbog njega prestao raditi, niti sam zbog njega ostao šepav; bilo bi nepravедno smatrati ga odgovornim za sve pogreške (uključujući moje), pa je tako neizbježno reći da, ako je istina da mi je Talijan otvorio vrata Pakla, također je istina da je moj život išao u tom smjeru već neko vrijeme.

Da budem iskren, nije to bio bogat život. Što može biti komičnije od pisca koji ne vjeruje u književnost, iako, paradoksalno, vjeruje da će ga ona osvetiti? Pa, to je bio moj slučaj. Uostalom, prošlo je puno vremena otkako sam prestao vjerovati; prošlo je, također, puno vremena otkako se pretvaram da to nije istina; i zbog toga sam odugovlačio, odgađajući sve odluke i živeći bez ikakvog uvjerenja da je život jedan događaj vrijedan spomena jer će mi, prije



ili kasnije, neko remek-djelo ispraviti nepravdu. Dakle, bio sam pisac i, iako nisam vjerovao u književnost – ili upravo zbog toga, budući da neki ljudi uporno lupaju glavom o zid – usmjeravao sam sve nade u budućnost prema književnoj karijeri, koja je odbijala pomaknuti se s mjesta, ponašajući se prema životu kao prema kanti za smeće jer nisam znao što da radim s njim.

Istina nije tako linearna. Istina je da, nakon nekoliko godina lutanja predgrađem literature, nije netočno reći da sam se osjećao istrošen. Ni ne primjetivši, kucao sam na sva vrata i postajao profesionalni napadač, namećući se na sve načine i predstavljajući se na svim poslovima s jednakom dostupnošću: tijekom tih godina bio sam novinar, lektor, prevoditelj, dizajner u jednoj agenciji za oglašavanje, pisao sam predgovore i pogovore knjiga, govore drugorazrednim političarima, i, u jednom malo kompliciranijem trenutku, smišljao degustacijske menije za restorane i pisao stihove za jednog popularnog pjevača koji je plagirao Meksikance. Paralelno s tim, ostajao sam pri književnoj karijeri i, u jesen prethodne godine, objavio svoj treći roman, nemajući pojma da se s tom knjigom zatvorio krug – kao da je knjiga bila nagovještaj nečeg monstruoznog ili vremena koja su tek trebala doći. Taj je roman bio, kao i prethodna dva, o šokantnom pesimizmu, toliko bezrazložnom da su mnogi čitatelji odustali nakon svega nekoliko stranica, navodeći da je realnost već dovoljno tužna – na primjer, u mojoj prvoj knjizi, čovjek čija je obitelj poginula u požaru zatvara se u jedan stan u Londonu i počinje živjeti s duhovima, razgovarajući sam sa sobom i tragajući za pojavama u čije postojanje sumnja; na kraju počinje sumnjati u vlastito postojanje, i tako dalje, u jednoj sadističkoj vježbi metodičke sumnje. Uostalom, strahote su dolazile jedna za drugom. Bez obzira na sve, knjige su bile objavljene, bile su opravdano ignorirane i, nakon toga, kao val koji se vraća pun otpadaka i otrovnih algi, vrata su se oko mene s treskom zatvarala. Ignorirajući najbolje savjete obitelji i prijatelja, i još uvijek bez spoznaje da treba biti oprezan s onim što nudimo svijetu – jer izmišljena bijeda i samoća mogu postati stvarne –, završio sam otpušten sa stabilnog mjesta scenarista u jednoj maloj producerskoj kući, u rujnu prošle godine, zbog neslaganja s kolegama, s mojim šefom, a čak i s čistačicama koje su često u WC-u spavale sa mnom usred radnog vremena. Jasno, isforsirao sam otkaz svojim nepodčinjenim stavovima koje je nepotrebno ovdje opisivati i, dvije godine nakon izdavanja trećeg romana – koji je, kao i prethodni, odustao pred ciljem –, odlučio sam dobrovoljno ići prema svojem stratištu, u to doba uvjeren da je to potez heroja. Ne mogu točno reći zašto sam to učinio. Možda zato što je književnost, pojava tako osobita i nemoguća za objasniti (i baš zbog toga cilj stalnih i frustrirajućih pokušaja), bila mladenačka ambicija koja se

rano pretvorila u izvor nesporazuma. Bilo zato što nisam vjerovao u samog sebe, bilo upravo zbog suprotnog razloga – jer sam, zapravo, bio siguran da sam sposoban za izvanredne stvari –, odlučio sam, nakon toliko vremena provedenog radeći ono što se inače zove „zaradivanje za život“, odustati od tog očitog gubitka vremena i zatvoriti se u kuću da napišem komad s kojim ću se, napokon, osvetiti svijetu.

Kao što se gotovo uvijek dogodi onome tko donosi odluke takve vrste, pisao sam vrlo malo, ali pio mnogo dok sam govorio o stranicama koje su postojale samo u mojoj glavi. Novčana pomoć za nezaposlene, zajedno s nešto uštedevine, omogućavala mi je taj hir, a imao sam i nekoliko prijatelja kojima nije smetalo pridružiti mi se. Tako sam zapao u neku vrstu kreativne i osjećajne stagnacije, uvjeren da to nije stagnacija nego urok, nešto neizbježno i što se ne može racionalno objasniti, previše mračno da bi se shvatilo – neka čarolija ili bolest, ovisno s koje strane gledate. Ta je stagnacija, vjerovao sam, trebala biti dio procesa stvaranja tog remek-djela; bila je to sudbina tipa koji se napokon počeo pretvarati u pravog pisca, ona tanka opna paralizirajućeg pesimizma koja nas odvaja od zbilje i koja, sa svakim satom koji prolazi, neprimjetno postaje deblja, sve dok nas jednog dana ništa ne može dotaći, ali također nas ništa ne može spasiti, toliko smo postali izolirani od svega. Ali istina je da sam, bio ja pisac ili ne, oduvijek bio pesimist. Na primjer, vozeći auto nekom cestom određenom brzinom, teško da ne bih počeo razmišljati što bi se dogodilo ako bih, jednim laganim okretom volana, prešao u suprotnu traku i frontalno se sudario s drugim automobilom; držeći dijete u naručju, zamišljao sam u nijemoj panici što bi se dogodilo sa mnom kad bih ga pustio da padne s balkona; uostalom, takva vrsta besmislica. Čak i izmišljena, bol ostaje bol; prisutna je kada navečer legnemo u krevet, prisutna je prije doručka. Tako sam, s vremenom u rukama, naoružan besmislenim idejama, i s tajnom nevjericom u književnost, nastavio odugovlačiti, odgađati i piti, nalazeći svakakva opravdanja da izbjegnem neugodnu zadaću da, napokon, sjednem i počnem pisati.

### III.

Priča koju ću ispričati počinje malo kasnije, jednog jutra u prosincu, prije točno godinu dana, kada je jedan mali događaj ubrzao ostale i promijenio sve. Bilo je to jutro kada sam se probudio mamuran i pao niz stepenice u mojoj zgradi dok sam izlazio na doručak. Sjećam se tog trenutka neobično dobro: oprao sam zube, popio gutljaj bljutave kave od prethodnog dana,

pomislio na nogometnu utakmicu koju sam zaboravio pogledati, otvorio vrata stana, izašao na stubište i, kada sam došao do stepenica, onesvijestio se i pao. Kada sam došao k sebi, primijetio sam dvije stvari: prvo, da osjećam prodornu bol u desnoj nozi; drugo, da sam isto tako udario bradom u pod i da mi je, osim što sam presjekao usnu, ispao zub. Podigao sam komad zuba, smjestivši ga između palca i kažiprsta desne ruke, i baš u tom trenutku bio sam siguran – kao i toliko puta prije, s muklim otkucajem srca – da nešto uistinu nije u redu sa mnom.

Uz pomoć susjeda otišao sam u bolnicu, gdje su me nakon pretraga izvijestili da sam slomio goljениčnu kost. S nogom u gipsu, vratio sam se doma nekoliko dana kasnije uz pratnju strpljive djevojke po imenu Magda, s kojom sam izlazio u to vrijeme, i koja je usred dana ostavila posao da bi došla po mene (Magda je radila u banci, opsesivno čitala knjige Milana Kundere i, iz nekog čudnog razloga, bila zaljubljena u mene). Cijeli siječanj proveo sam doma, gledao televiziju te jeo juhu i lagane obroke koje mi je Magda donosila svaki dan. Osim toga, kuhala mi je kavu, mijenjala plahte i prala odjeću, dok sam ja na štakama šetao s jedne na drugu stranu, bacajući stvari na pod i žaleći se kako moja sreća sprečava napredak genijalnog romana, kojeg zapravo, nikad nisam ni počeo. Magda je počela gubiti strpljenje sve dok ga, onog popodneva kada sam skinuo gips, nije izgubila zauvijek. Iako sam ja i dalje šepao, inzistirao sam da odemo u jedan bar kraj rijeke gdje sam previše popio u kratkom vremenu. I onda sam joj rekao:

„Dosta mi je svega, znaš? Život nije baš san, više je neka beskonačna nesanica u sobi punoj komaraca.“

Sjedili smo za stolom na terasi. Ona se digla i stavila torbu na rame. Nije bila za dogovor.

„Jebi se ti i tvoja metafizika“, rekla je i ostavila me samog na neočekivanoj i kratkotrajnoj kiši koja mi je smočila kosu i odjeću. Sjedio sam tako još sat vremena nakon potopa – ili možda duže od sat vremena, ne sjećam se –, žaleći sam sebe. Kasnije mi je konobar došao reći da zatvaraju, platio sam račun i odšepao ulicama tražeći taksi.

Nakon te epizode stvari su se pogoršale. Baš kao što se događalo likovima u mojim knjigama, sjene su se nadvile nad mojim postojanjem i, bez da sam se mogao boriti protiv toga, postao sam zarobljenik u zatvoru kojeg sam sâm izmislio. Zatvoren u kući, sâm i hrom, dopustio sam da me nosi val tuge koji se činio bez kraja. Ili možda lažem, pa nije bio val tuge, nego ravnodušnosti, one vrste rezigniranog umora koji kod ljudi izaziva pospanost u bizarne sate i osjetljiv želudac. Tumarao sam, nesiguran, kroz dvije spavaće i malu dnevnu sobu u mom stanu

kao što starac tumara po staračkom domu, bez svrhe i razloga. Povremeno sam gledao televiziju. Jedne sam noći, sasvim slučajno, dok sam sjedio na kauču i promatrao slike, gledao neku američku seriju o doktoru koji je šepao i koristio štap. Pogledao sam jednu epizodu, nakon toga drugu i postao ovisan; tijekom mjeseci koji su uslijedili, pogledao sam sve epizode koje su izašle. U kratkim trenucima lucidnosti nazvao bih nekoliko prijatelja, sve njih previše zauzete svojim obiteljima i svojim poslovima i svakodnevicom i bez vremena za moje jadicovke; u trenucima ludila, izazvanih samoćom, imao sam oštre rasprave sa susjedom čiji su psi u sumrak upadali u moje dvorište i tamo ostavljali svoja govna. Susjed mi je naizmjenice glasno preporučao da idem raditi ili da potražim liječnika. Izabrao sam drugu opciju.

Bilo zbog televizijske serije ili mojeg slabog duševnog stanja, činjenica je da noga nije pokazivala znakove oporavka. Liječnik mi je jamčio da je to samo prolazna stvar, a kasnije me molio da obavim seriju pretraga, što me uvjerilo da nešto uistinu nije u redu i da mi laže. U tjednu koji je uslijedio otišao sam na slikanje u bolnicu. Nalazi nisu pokazali nikakve probleme, ali ja sam bio siguran da je postojala neka biološka urota za vrijeme mojeg nastajanja jer je bol u nozi odbijala ostaviti me na miru. Zatražio sam drugo mišljenje. Nakon novih pretraga i brojnih pregleda moja dijagnoza nije bila jasna. Prema nekim liječnicima, bolovao sam od hipohondrije; prema drugima, moje slabo zdravstveno stanje nije imalo nikakvog očitog uzroka. Na kraju sam se vratio svome doktoru koji mi je počeo propisivati antidepresive.

Kada sam napokon prihvatio tu okrutnu sudbinu – da ću šepati do kraja života – otišao sam u dućan u centru i kupio štap marke *Rosewood* od smeđeg mahagonija s drvenom drškom. Počeo sam ga koristiti u kući i izvan nje, kada bih u sumrak dugo šetao parkom koji se nalazio blizu mog stana i bio naseljen starcima i jednako fosilnim golubovima. Kada sam, u ožujku, ušao u liječničku ordinaciju da pokažem nalaze najnovijih pretraga sa štapom u ruci, čovjek je izbečio oči. Nakon toga je usporeno pogledao omotnice koje sam donio, otvorio ih, pregledao tu hrpu papira, onako zagonetno kako to liječnici znaju, promrmljao nešto neshvatljivo i na kraju me pitao zašto ja hodam sa štapom. Objasnio sam mu da i dalje osjećam bol i da je mučno vući nogu s jedne strane na drugu bez potpore. Čovjek se ograničio samo na gledanje papira po posljednji put i ponovio da nema nikakvog uvjerljivog razloga za moje stanje.

„Riješite se štapa“, reče zapovjedničkim tonom. „Čovjek od trideset i nešto godina koji hoda okolo kao starac igranje je s vragom.“

„Doktor s televizije ima štap“, odgovorio sam.

„Ali je slavan, ima novaca i može vam biti otac.“

Nakon toga pričao je o psihosomatskim smetnjama i napisao mi broj psihijatra na neki recept. Izašao sam iz ordinacije bez ijedne riječi, oslanjajući se, korak po korak, na štap, i pri izlasku iz bolnice bacio papir u smeće.

Ako sam prije bio pesimist, onda sam nakon kupnje štapa postao cinik. Mlad čovjek sa štapom može si priuštiti luksuz da prezire svijet, pa sam tako ja namjeravao iskoristiti priliku da kaznim stvarnost. Bilo je nešto u toj stvari – i u neprestanoj boli koju sam osjećao u nogama, i u čvrstom vjerovanju da nešto u meni trune – što je pretvaralo sav taj skepticizam moje mladosti u najčišću gorčinu. Nisam mogao hodati bez šepanja, a, ipak, svi su me gledali onim istim pogledom nevjerice kao liječnik, kao da sam luđak i imitiram nekog invalida iz čistog užitka. Liječnik je imao pravo u jednoj stvari: čovjek od trideset i nešto godina koji ima štap igranje je s vragom; trebalo je ipak malo više drskosti da se vrag poigra s nama.

Jedne sam večeri ušao u svoju zgradu i pronašao Magdu kako sjedi na stepenicama u predvorju. Na trenutak sam zamislio dramatičnu pomirbu, ali je ona objasnila da je došla po neke stvari koje je ostavila u stanu.

„Mogla si nazvati prije“, kažem šepajući prema liftu i oslanjajući se na štap desnom rukom.

„Zvala sam nekoliko puta, ali se ti nikad ne javljaš“, odgovori ona. „Što je ovo?“ Pokazala je na štap.

„Bolestan sam“, kažem.

„Bolestan si? Bolestan od čega?“, zapita s nekim prijezirom dok smo prolazili kroz hrđava vrata lifta.

„Nisu sigurni koja je dijagnoza“, odgovorim. „Iako je prilično jasno da je rak kostiju.“

Magda je preokrenula očima, zbog čega sam je poželio ošamariti. Pogledao sam njezino simetrično lice – smeđe i bistre oči, plavkasta kosa – i njezine duge ruke s tankim prstima i kostima koje su se isticale, kao da kostur ima želju pokazati se. Zagledao sam se dugo u njezine male, ali savršene grudi.

„Nije ti rak uzeo volju“, rekla je izlazeći iz lifta na stubište. Prošli smo kroz taman hodnik u tišini. Vani je zvuk hitne nagoviještao grad. Nakon pet minuta, Magda je izlazila s kutijom

knjiga, CD-a i nekom odjećom koja je ostala razbacana po stanu i koju se ja nisam potrudio pospremiti.

„Čuvaj se“, reče.

Naslonio sam cijelo tijelo na štap, držeći ga s obje ruke.

„Pokušat ću.“

Magda se udaljavala.

„Napokon sam pročitala tvoju posljednju knjigu“, rekla je prije negoli je ušla u lift.

Osjetio sam grč u želucu.

„A da? I što misliš?“, pitao sam pokušavajući glumiti ravnodušnost.

„Dosadna je. Kao da ima duplo više stranica nego što ih stvarno ima.“

Magda je ušla u lift i vrata su se zatvorila za njom. Izustio sam neku uvredu, osjećajući kako mi se mržnja nakuplja u grlu, vratio se u stan i razbio vrč koji je bio na stolicu u kuhinji desnim udarcem mojeg *Rosewooda*.

Telefonski poziv stigao je jednog petka popodne. Već nekoliko dana nisam izlazio iz kuće i, lijeno se vukući, nasumično sam putovao između kuhinje i dnevne sobe, gdje bih sjedio na kauču i čitao neku knjigu kojoj sam zaboravio naslov i autora. Čitao sam da bih čitao, bez pravog interesa. Televizor mi se pokvario krajem ožujka pa se, slobodna od serije o američkom doktoru da me zabavi, nastanila dosada. Mrzio sam biti u kući i mrzio sam izlaziti; zapravo nije postojao ni jedan razlog da budem bilo gdje. U međuvremenu sam skupljao račune za plaćanje u poštanskom sandučiću, odlučan da ih ignoriram iz straha da ću morati vidjeti bankovni izvadak. Nakon toliko mjeseci bez posla, i s povećanim troškovima zbog pregleda i pretraga, bilo je vrlo vjerojatno da sam potrošio i posljednji dio svoje ušteđevine, a pomoć za nezaposlene nije bila dovoljna za uzdržavanje. Ipak, pomisao da se vratim na posao bila je zastrašujuća.

Čudno je da sam se javio na taj poziv; ali istina je da sam se javio. Bilo je to jednog kišnog petka u travnju.

Telefon je zazvonio i ja sam, bez ikakvog razmišljanja – i nakon tjedana ignoriranja tog zvuka –, ispružio ruku i podigao slušalicu. Čuo sam glas tajnice izdavačke kuće koja je objavila moje knjige kako mi govori da će me spojiti s asistentom. Asistent me pozdravio, rekao da ima jedno prazno mjesto na ciklusu predavanja u Mađarskoj organiziranom za europske pisce i pitao me jesam li zainteresiran.

„Nisam“, odgovorim.

„Plaćeno je“, odgovori on.

„Što to?“

„Predavanja. Plaćena su, dobro plaćena.“

Htio sam ponovno odbiti, ali sam oklijevao. Nastupila je tišina.

„Jesi li zainteresiran?“, upita asistent.

„Jesam. Hoću reći, ovisi.“

„Ovisi o čemu?“

„Boravak je isto plaćen?“

„Sve sufinancira European Writers Bureau.“

„Što je to?“

„To je jedan novi odjel u Bruxellesu. Organizacija, kako ga vole zvati. Osnovao ga je neki Šveđanin, a znaš kakvi su Šveđani.“

„Hm-hm“, odgovorim, bez ikakve ideje o tome kakvi su inače Šveđani. Kroz glavu su mi prošle slike iz pornografskih filmova sedamdesetih.

To znači da imaš hotel i hranu besplatno i poprilično pristojnu *per diem*. I ček na kraju.

„Koliko dugo?“

„Tjedan dana u lipnju.“

Duboko sam udahnuo. U pitanju je bio novac.

„Dogovoreno.“

Slijedio je trenutak tišine.

„Dogovoreno?“, ponovi on.

„Je l' neki problem?“

„Bili smo sigurni da ćeš odbiti. Pale su oklade ovdje u uredu.“

„Pa zašto ste onda zvali?“

„Da vidimo što će se dogoditi, naravno.“

„A zašto bih ja trebao odbiti?“

Opet tišina.

„Kruži glasina da si bolestan“, odgovori asistent.

„Pa i jesam“, kažem mračno.

„Dobro, da budem iskren, bio sam s Heitorom prošli tjedan i rekao je da se nedavno sudario s tobom na ulici.“

„Kako misliš *sudario*? Ne sjećam se toga.“

„Doslovno se sudario s tobom. Rekao je da si hodao okolo gledajući u pod, sa štapom, i hodao prema ljudima kao da si slijep. Sudario se s tobom, a ti si ga izvrijeđao i nastavio dalje.“

Pretraživao sam sjećanja u potrazi za tim trenutkom. Ništa mi nije padalo na um.

„Uopće se ne sjećam toga.“

„Ali on se sjeća“, reče asistent. „Nazvao si ga kurvinim sinom i rekao mu da gleda kuda hoda.“

„Hm“, odgovorim, umoran od razgovora. „Moram ići. Vrijeme je za lijekove, a medicinska sestra može ostati samo do šest. Nakon toga moram si sam promijeniti kateter.“

Ovog puta nije bilo nikakvog odgovora s druge strane.

„Nazovi me u lipnju s detaljima“, odgovorim na kraju i poklopim. \*

---

\* Što želite da vam kažem? Da sam pripovjedač dostojan vašeg povjerenja? Da sam ovdje kako bih ispričao istinu i samo istinu? Jasno, problem je „istine“ to što oblikuje varku koja funkcionira samo u fikciji; stvarnost ne sadrži nikakvu istinu, budući da ovisi o gledištu promatrača. Gledište je prvi uvjet pripovijedanja, a pripovijedanje je prvi uvjet fikcije. Zato što je ova priča istinita, postoji mogućnost da se nađe neki drugi promatrač koji će opovrgnuti sve činjenice koje ću odsada iznijeti – iako, ironično, a u prilog „istini“, nijedan drugi promatrač ne može nanovo stvoriti kobne događaje Dobre Zime, čak i da ih negira. Bilo tko može se osloniti na novine i provjeriti neke činjenice ove priče, prvenstveno one javne: postojanje Dona Metzgera i mjesto gdje je utvrđeno da je nestao; postojanje Vincenza Gentilea, talijanskog pisca; imanje koje je pripadalo Metzgeru, smješteno između ulica Via Litoranea i Strada Statale 148, oko sedam kilometara od Sabaudije, usred šumarka. Toliko provjera bit će dovoljno da rasprše ideju, možda već stvorenu u glavi čitatelja, o suviše plodnoj mašti pripovjedača.





#### IV.

Drugog tjedna u lipnju otputovao sam u Budimpeštu. Pripreme nisu bile lake. Nazvao sam aviokompaniju koja je izdala karte koje mi je poslala izdavačka kuća i molio mjesto za osobe s invaliditetom. Žena koja se javila pitala me mogu li biti malo jasniji. Rekao sam da umirem. Ona je šutjela nekoliko sekundi i nakon toga odgovorila da se radi niskobudžetnoj aviokompaniji i da ne nude posebne uvjete, čak ni za osobe koje umiru, a to su, na kraju krajeva, svi putnici. Nasmijao sam se ženi i prešao preko toga. Imao sam drugih, hitnijih problema: spakirati kofere, isplanirati predavanje i pronaći ustrajnost da izađem iz kuće. Prva zadaća bila je najlakša; druga, nju sam čuvao za avion; treću sam riješio pozvavši taksi koji me dočekao pred vratima stana kako ne bih imao izlike da izbjegnem obavezu.

Budimpešta je bila potpuno drugačija od onog što sam očekivao. S jedne strane rijeke nalazio se europski grad s kraljevskim obrisima, a s druge neka vrsta srednjovjekovnog sela s dvorcima i manjim palačama. Ime za ulicu bilo je „Utca“, „Ter“ je označavalo trg, ali jezik je bio u potpunosti nerazumljiv. Uzeo sam taksi od zračne luke i čovjeku pokazao adresu hotela koju sam zapisao u bilježnici. On je pogledao moj štap, napravio glavom neku gestu solidarnosti i, na kraju, odbio napojnicu. Nimalo zainteresiran za turizam ili da upoznam lokalne zanimljivosti, prvu sam noć ostao u hotelskoj sobi – nije to bio hotel nego srednjovjekovno prenočište napravljeno od kamenja, sa stropovima toliko niskim da sam lupio glavom svaki put kada bih se penjao uskim stepenicama koje su vodile na drugi kat i tako izazivao sramežljivi smiješak djevojaka na recepciji. Ležeći na krevetu, pogledao sam što sam napisao u avionu za predavanje. Bile su to nerazumljive črčkarije. Odlučio sam sve početi ponovno. Predložena tema bio je novi pravac europske književnosti i, bez ikakve ideje odakle početi ili koji bi to smjer mogao biti, črčkarao sam idiotarije i na kraju odlučio prepustiti stvar inspiraciji koju ću imati u tom trenutku. U dva ujutro, noga me ponovno počela boljeti pa me držala budnim sve do zore. U osam je zazvonio telefon: zvala je Eva Kalman, organizatorica književnog festivala, da me pozove na sastanak na drugoj strani grada. Prokleo sam samog sebe što sam prihvatio poziv na to putovanje i gundajući izašao iz kreveta.

Palača Karolyi nalazila se u centru Pešte. Taksi je, polako, prošao mostom koji je prelazio Dunav, dok je taksist bez prestanka, na mizernom engleskom, pričao o problemima

hendikepiranih osoba u javnom prijevozu. Pokušao sam mu objasniti da sam u žurbi, ali čovjek je bio previše unesen u svoj kritički osvrt. Kada sam stigao do palače, prošlo je deset i sastanak je već počeo. Nespretno sam se popeo glavnim stubištem zgrade – koja je bila prava palača iz devetnaestog stoljeća, sa salonima za balove i ogromnim zavjesama od baršuna kakve sam vidio samo u filmovima – i, slijedeći put koji mi je pokazao zaštitar, krenuo prema konferencijskoj dvorani. Čim sam otvorio vrata, štap mi je skliznuo na pod od linoleuma i ja sam izgubio ravnotežu. Sekundu kasnije, bio sam na podu. Čuo sam zabrinute izraze dvanaestak ljudi. Neka plava i zdepasta žena pomogla mi je ustati i pažljivo mi vratila štap.

„Nisam znala“, reče na engleskom s čudnim naglaskom.

Ustao sam i smirio se. Neki su se smijali; neki su zurili u mene u čudu. Žena se predstavila imenom Eva Kalman. Imala je simpatičan osmijeh i oči plave poput djeteta.

„Sjednite“, reče mi.

Dvadesetak stolaca bilo je raspoređeno u krug. Sjeo sam na prazan stolac i pogledao ukrug: grupa je bila vrlo čudna, sastavljena od ljudi različitih godina koji više ili manje liče na skitnice. Jedan mršavi mladić i djevojka koja je sjedila kraj njega znatiželjno su me gledali s drugog kraja dvorane. Smjestio sam štap u krilo i otkopčao ovratnik: lipanjska vrućina preplavila je zagušljivi prostor. Brzinski sam proučio par. Oboje su imali svjetlo-smeđe oči, iako je on bio tamnopus, a ona je imala izrazito svijetlu kosu, gotovo bijelu. Izgledali su jako mlado i djevojka je bila iznimno lijepa.

Eva Kalman borila se s grubim engleskim pola sata, predstavila sve prisutne – većina pisaca bila je iz Istočne Europe i imala vrlo čudna imena; mladić koji me promatrao zvao se Vincenzo Gentile i bio je Talijan – i nakon toga najavila je ciklus predavanja za sljedeći dan. Za vrijeme prezentacije Eve Kalman, morao sam se truditi da ne zaspim: prije nego što sam izašao iz hotela, uzeo sam tri tablete protiv bolova pa je sad tijelo prestalo reagirati, predajući se nekontroliranoj pospanosti. Na kraju, i dalje trom, spustio sam se stubištem palače Karolyi i krenuo prema stražnjim vratima, odakle se vidio lijep vrt osvijetljen kasnim proljetnim suncem. Dok sam hodao, čuo sam jasan zvuk štapa na podu od kamena. Uputio sam se prema izlazu kad sam čuo da me netko zove prezimenom.

„Hej. Kakva je to žurba?“

Vincenzo je bio naslonjen na jedan od stupova koji su tvorili bočno pročelje zgrade. Kraj njega je stajala plava djevojka i još jedna koju nisam prepoznao s predstavljanja. Polako sam se približio, svjestan svojih ozbiljnih ograničenja.

„Kao što vidiš, izgubim puno više vremena da bih bilogdje stigao nego što je to uobičajeno. Vjerojatno će već pasti noć prije nego što uspijem ponovno prijeći grad.“

Talijan me pogledao i nasmiješio se. Imao je iskrivljene zube i tamne oči. Kosa mu je bila crna, gusta kao slama i stršala je na sve strane. Na sebi je imao crni sako, kravatu i traperice. Djevojke su se smiješile.

„Imam ovdje jednu tvoju zemljakinju“, reče on, držeći cigaretu u ruci. Pokazao je prema nepoznatoj djevojci. Bila je crvene kose i visoka, puna pjegica po licu. Morala je biti mojih godina ili možda malo starija. Pozdravio sam je stiskom ruke. Zvala se Nina M. Pascal i govorila je engleski s britanskim naglaskom.

„Portugalka?“, pitao sam nepovjerljivo.

„Napola“, odgovori Nina. „Moj se djed rodio u Portugalu, ali je bio sin stranaca.“

„Nina živi u Londonu“, nadoda Vincenzo. „Predstavlja internacionalnu agenciju za autorska prava.“

„Aha. Došla si u lov na skrivene talente?“

Nina se nasmiješila. Plavuša je nepomično stajala, promatrajući nas; činila se kao poslušno stvorenje.

„Zapravo i ne“, odgovori Nina. „Imam neke sastanke s izdavačima, ali ništa značajno. Ja i Vincenzo poznajemo se već neko vrijeme pa sam iskoristila priliku kad mi je rekao da dolazi u Budimpeštu. Nikad nisam bila u Mađarskoj.“

Grupa pisaca izašla je kroz ista stražnja vrata. Bili su to, u velikoj većini, predstavnici Istočne Europe. Ignorirali su nas i nastavili hodati prema izlazu.

„Pogledaj ih“, reče Vincenzo. „Jadni Lenjinovi praunuci.“

Nitko od nas nije se nasmijao, a on je izgledao kao da je zaboravio vlastiti komentar. Pogledao sam grupu: ličili su na bandu izgubljenih gavrana, spuštenih ramena, pognutih glava, i šaputali tajanstvene slavenske jezike. Vincenzo je protrljao ruke, izgledao je kao da se zabavlja.

„Onda? Idemo?“, upita.

„O čemu ti to?“

„Ručak, piće, takve stvari. Razgledati grad.“

Oklijevao sam trenutak.

„Gle, iskreno, vjerojatno ću se vratiti u hotel. Sutra je predavanje, a, kako si već primijetio, samo ću vam biti smetnja.“

Vincenzo je pogledao štap na koji sam se oslonio i iznenada mi ga istrgnuo iz ruke. Izgubio sam ravnotežu i odmah se pokušao zadržati na jednoj nozi u koju sam izgubio povjerenje.

„Vrati mi to“, rekao sam iznerviran. Držao je štap na dlanu i pažljivo ga promatrao. Djevojke su ga gledale.

„Vincenzo“, napokon progovori plavuša prijekorno.

„Joj, Olivia, opusti se. Samo sam bacio pogled. Ne vidimo svaki dan *Rosewood* štap u rukama jednog pisca.“ Pogledao je prema meni. „Jesi li znao da je to jedan od najboljih proizvođača štapova, batina i golf-pinova u Sjevernoj Americi? Tvoj čak ima *Fritz* ručku. Čudesna stvar.“

Vincenzo mi je vratio štap koji sam pohlepno prihvatio, željan ravnoteže. Namignuo mi je.

„Gladan sam. Idemo?“

## V

Epizoda sa štapom bila je komična i mogla je predstavljati problem da, tog popodneva, Vincenzo nije pokazao kako je jedina stvar koja ga pokreće znatiželja. Imao je tek dvadeset i pet godina i ja sam, u njegovoj mladosti i energiji, prepoznao nešto malo od onog što sam gubio kako je vrijeme prolazilo. Unatoč tome, njegova je prisutnost bila iscrpljujuća. Vincenzo je želio proživjeti sve intenzitetom tornada, govorio je sto na sat, hodao gotovo jednakom brzinom i često je, usred razgovora, razgovarao sam sa sobom jer sam ja zaostajao, nesposoban da ga pratim, sporo napredujući onoliko koliko mi je štap dopuštao. Zanimljivo, Vincenzo je bio bolestan, ali i lijek, od onog časa kada me počeo liječiti, od samog početka, dozom ravnodušnosti s kakvom jedan slon tretira kristalnu vazuu. Takav stav, iako iritantan, zahtijeva poštovanje.

Ručali smo na terasi blizu rijeke. Saznao sam da je Olivia bila Talijanov djevojka, ali, kad je ona to spomenula, Vincenzo se ograničio samo na slijeganje ramenima.

„Poznajemo se jako dugo“, rekao je dok je pušio.

A pušio je stalno. Imao je nekoliko kutija cigareta u džepovima sakoa i palio je cigarete jednu za drugom. Pušio je cijelo vrijeme dok smo jeli ragu, pili vino i gledali velike tornjeve koji su podupirali most nad Dunavom; objašnjavao mi je i zaplet svog jedinog objavljenog romana. Zvao se *L'ultima rivoluzione* i bila je to snažna i pustolovna knjiga o grupi Talijana koji su odlučili, na vrhuncu svoje mladosti, iznova stvoriti svibanj '68. u Rimu. Nina, koja je sjedila kraj mene, stalno ga je prekidala s pitanjima, koje je Vincenzo, činilo se, primao poput ispaljenih metaka koji su prekidali njegovo izlaganje. Istražio je stvar, pomislio sam popuštajući; to je normalno za mlade pisce. Nakon toga Olivia me pitala o čemu su moje knjige. Uskomešao sam se na stolcu – vino je služilo da ublaži bol u nozi i pretvori je u stalni svrbež – i izbjegao pitanje. Nije mi se dalo pričati o knjigama, a još manje objašnjavati joj moje.

„Kriminalističke su“, lagao sam. „Nisu osobito zanimljive, osim ako voliš krimiće.“

Olivia me gledala svojim velikim očima. Na licu joj se vidjela naivnost i neobična melankolija koja je nagoviještala veliku oskudicu.

„Nije baš simpatično što pretpostavljaš da me ne zanimaju krimići“, odgovori, iznenađujuće uvrijeđena. Pogledao sam Vincenza koji se smiješio, sarkastičan.

„Vjerojatno je htio reći“, naglasila je Nina, gledajući Oliviju, „da je sadržaj krimića linearniji nego sadržaj neke knjige kao što je Vincenzova. Pripadaju žanru koji svi poznaju i kojeg nema smisla sad objašnjavati u detalje.“ Pogledala me. „Je li tako?“

Pitanje je ostalo u zraku. Vincenzo je ispio gutljaj vina, a ja sam stavio ruku na dršku štapa, tražeći udobnost.

„Da, mora da je bilo to.“ Pogledao sam Oliviju. „Nisam htio biti neugodan,“ rekao sam, bez ikakve želje da se ispričam. Olivijin srditi izraz lica smekšao se.

„Ili čak nije bilo ništa od toga, ali zašto raspravljati kad smo se tek upoznali?“, zaključio je Vincenzo. Olivia ga je pogledala poprijeko, a on je namignuo Nini koja je izdržala Talijanov pogled neko vrijeme. Olivia je ustala i obznanila da ide zapaliti cigaretu uz rijeku, udaljavajući se. Vincenzo je odložio čašu na stol.

„Odmah se vraćam“, reče.

Ostao sam sâm s Ninom. Od njih troje, bila je posve sigurno najstarija; nešto je u njoj ulijevalo povjerenje. U isto se vrijeme činila beskrajno pristupačnom i dovoljno dalekom da zna čuvati tajnu. Ispričala mi je da je upoznala Vincenza u Brightonu, gdje joj je živio dečko. Dečko je također bio pisac i Talijanov prijatelj. Pitao sam kako mu je ime: bio je Škot po imenu John

McGill o kojem sam ja već čuo i koji je objavio neki roman, navodno izvanredan, čija se radnja odvijala u kanalima Londona. Nina je rekla da se raspravlja o filmskoj adaptaciji romana. Nisam ništa komentirao; zvučalo mi je kao još jedna holivudska glupost.

„Čitao sam negdje neku kritiku o knjizi“, dodao sam. „Činila mi se dobra priča.“

Kraj mosta, Vincenzo i Olivia su pušili. Stajali su rame uz rame, a Vincenzo je govorio i mahao rukama. Olivia ga je slušala. Bila je jednako visoka kao on, i duge su se noge isticale ispod kratke smeđe suknje.

„Savršeni jedno za drugog, je l' da?“, upita Nina.

„Upravo tako“, odgovorim.

„Ovo je ozbiljno?“, upita, pokazujući bradom u smjeru moje noge.

Slegnuo sam ramenima.

„Uvjeren sam da je.“

„Kakva je prognoza?“

„Nemam pojma. Doktor je rekao da je sve u mojoj glavi. Da je psihosomatsko. Istina je da stalno osjećam bolove. Bol je psihosomatska? Nemam pojma, ali da boli, boli.“

„Rana boli kako boli, nije li tako rekao Pjesnik?“

„Točno“, odgovorim. „Ako bolje razmisliš, što liječnici, zapravo, znaju o našoj boli? Što znaju o nama? Samo imaju brojeve, tablice, proklete rendgenske slike... Znaš li da je prva osoba koja je bila podvrgnuta rendgenskom zračenju, na kraju devetnaestog stoljeća, rekla, nakon što je vidjela negativ, da je imala osjećaj kao da gleda vlastitu smrt?“

Nina je prasnula u smijeh i zapalila cigaretu. Pušila je *Mayfair*, marku koju nisam vidio otkad sam zadnji puta bio u Londonu prije gotovo deset godina.

„Razmisli dobro“, inzistirao sam. „Postoji li stvar koja je sličnija našoj predodžbi o smrti – kosti, lubanja – od negativa jedne rendgenske slike? Prva koja je napravljena, slika lijeve ruke žene onog tipa koji je izumio prokleti stroj, onaj Wilhelm Rontgen – jesi li je ikad vidjela? Zastrašujuća stvar, morbidna slika. Prvi put da smo ušli u neku osobu i fotografirali je iznutra, a rezultat je takvo što. Vlastita smrt, kako je rekla jedna žena koju je sigurno pratio strah tako velik da od njega nije umrla samo da ne ismije vlastitu ironiju.“

„To je samo negativ“, reče Nina. „Ne predstavlja ništa više od toga.“

„Nije sasvim istina“, obrazložio sam. „Mislim da se znanost klela, dugo vremena, da može spasiti ne samo tijelo nego i dušu. I da je duša sačuvana negdje u nama, stvar koju nitko

nikad nije vidio, svjetlo ili dašak vjetra, nepristupačna materija. Kasnije je znanost napredovala i prva slika koja nam nudi unutrašnjost čovjeka – gdje, navodno, obitava ta besmrtna duša – liči na nešto što je izašlo iz filma strave i užasa. Iskreno, to je da izgubiš svaku nadu.“

„Ti si čovjek s vrlo malo vjere u medicinu, koliko vidim“, prokomentira ona. Nakon toga nasmijala se ironiji. „Ako uopće ima smisla reći takvo što.“

Vincenzo i Olivia nestali su iz vida. Ulica Jozsef Attila počela se puniti Mađarima koji su izronili iz ureda prema kafićima i restoranima na tom području.

„U ovom sam trenutku čovjek s vrlo malo vjere u bilo što“, dodao sam ispijajući gutljaj vina koje se grijalo u čaši. Pogledao sam uokolo tražeći Talijane, ali ih nisam našao.

Kasnije mi je Nina ispričala neke stvari o sebi. Govorila je sporo, prepuna pauza koje su razgovor ispunile smirenošću, nekim spokojem koji je teško naći. Bilo je ugodno slušati je: imala je melodiozan glas i izgovor kao u dokumentarcima na televiziji. Objasnila mi je da, iako je radila u agenciji za autorska prava, nije trebala raditi. Naslijedila je neki novac od obitelji koji je pametno iskoristila i, u zadnjih deset godina, bogatstvo se utrostručilo. Bilo je to nasljedstvo od djeda koji je umro 1984 – i kada je to rekla, odmah je naglasila da je dio novca služio za redovite donacije dobrotvornim ustanovama.

„Nitko nije kriv što je bogat“, rekoh, natačući nam još vina.

„Svejedno“, odgovori Nina. „Ako imam više novaca nego što mi je potrebno, osjećam da nešto dugujem drugima. Razumiješ?“

Slegnuo sam ramenima. „Kako se tvoj djed obogatio?“

Nina je ugasila cigaretu na tanjuriću od kave. „Imao je privatne poslove u Portugalu. Na imanju gdje sam odrasla, usred Alenteja.“ Rekla je nešto na portugalskom. „Najljepše mjesto koje možeš zamisliti. Ali najvažnije nasljedstvo koje mi je ostavio nije bilo to.“

„Nego?“

„Ljubav prema knjigama. Bila sam vrlo mlada kad je umro i u to se doba još nisam zaljubila u riječi. Danas se često sjetim ogromne knjižnice mog djeda. Kunem se da ga nikad nisam vidjela bez knjige u ruci.“

„Otud dečko pisac“, rekoh u šali.

Nasmijala se. „Da. Možda sam se uistinu zaljubila u Johna tek kad sam ga pročitala.“

„Znaš što je zanimljivo?“, upitah, smiješeći se, iako bez velike želje. „Ja sam, barem što se tiče književnosti, nazadovao. Hoću reći, i dalje čitam romane, naravno da čitam. Ali sam



shvatio da mi romani ništa ne govore. Ili su mi prestali govoriti, ne znam. Čitam ih kao što čitam novine: bez ljubavi, uz laganu sumnju da je ono što čitam trač bez osnove. Kao da čitam vijesti o stvarima koje su se dogodile drugima. Otvoriš, zatvoriš i zaboraviš.“

„Razumijem te“, odgovori Nina.

„Kako to?“

Nina je razmišljala nekoliko trenutaka.

„Ako govorim gluposti, ispravi me. Ali svaki put sve sam više uvjerena da vrijedi čitati roman – u ovom slučaju, dobar roman – samo kad u glavi imamo pitanje na koje ne znamo odgovor. Ili kada, čak i kad smo našli odgovor, trebamo potvrdu.“

Zainteresirala me. Molio sam je da ponovno objasni.

„Razmisli dobro: isto se primjenjuje kod pisanja knjiga, zar ne? Nije li pisac, zapravo, jedini zainteresiran za ono što piše? Hoću reći, zašto nasumce izmišljati priče, osim ako te priče nisu rješenje, privremeno ili konačno, neke zagonetke?“

„Svi imamo zagonetke koje trebamo dešifrirati“, odgovorim. „Ipak, ne čitamo svi fikciju. A još manje ima nas koji je pišemo.“

„Upravo tako“, reče Nina. „Jer različiti ljudi nalaze odgovore na različitim mjestima. Neke ih osobe nalaze u vlastitom životu; možda ja spadam u tu grupu. Za druge, pitanja se pojavljuju tek kad su prerusena u neke druge stvari, u neku osobu koja nije oni. Kad se stave na mjesto nekog lika i prožive poteškoće, a to je ono što se događa u romanima.“

„U isto vrijeme, to je oblik kukavičluka“, odgovorim. „Pustiti da drugi proživljavaju stvari za nas. Čak i kad su ti drugi naša izmišljotina.“

„Pa da“, reče Nina, smiješeći se. „Svi su pisci, zapravo, velike kukavice i lažljivci. Ponekad su, ali rijetko, vrlo hrabri. Ali, općenito, samo su kukavice i lažljivci.“

Ostao sam bez riječi, a u tom su se trenutku Vincenzo i Olivia vratili. Olivia je imala ljubičasti cvijet u kosi. Smiješila se i držala Vincenzovu ruku, dok je on imao smotanu cigaretu u kutu usana. Dim mu je ulazio u oči pa je često treptao.

„Pogledajte što mi je Vincenzo kupio“, reče Olivia, ponosna na svoj cvijet.

„A da tražimo račun?“, upitam, oslanjajući se na štap da ustanem.

## VI

Hodali smo gradom cijelo popodne, ulazeći i izlazeći iz kafića i barova. Ja sam hodao sporo, ali, s alkoholom koji je stalno kolao krvlju, bolovi su postali samo lagana neudobnost. Vincenzo i Olivia hodali su ispred, razgovorljivi i pijani. Talijan se činio prevrtljivim stvorenjem: lošije za njega, mislio sam. Nisam imao u planu sklapati prijateljstva i bilo mi je svejedno vole li me moji kolege na konferenciji ili mrže; želio sam ispuniti svoju zadaću, primiti ček i otići odatle što je brže bilo moguće, vratiti se umirujućoj udobnosti mojeg stana.

Oko pet popodne Nina se pozdravila. Morala se vratiti u hotel i pripremiti za večeru s dvoje književnih agenata koji su se našli u gradu prilikom konferencije. I ja sam se htio povući, ali me Vincenzo nagovorio da večeram s njima – kasnije bismo uzeli taksi, s obzirom da hotel u kojem su odsjeli nije bio daleko od mojeg. Potaknut laganom pripitošću, pristao sam. Popodne je prošlo u razgovoru o knjigama, filmovima, o životu u Rimu i životu u Lisabonu; pustio sam da me nosi banalnost razgovora i, odjednom, shvatio da sam gladan. Već dugo vremena nisam osjećao glad – ili barem tu vrstu gladi koja je bila puno sličnija proždrljivosti nego potrebi – pa sam predložio da potražimo pristojan restoran.

Otišli smo u Borbíróság, mjesto za koje je čula Olivia i u kojem poslužuju tipičnu mađarsku hranu. Bio je petak: restoran je bio pun pa se s bukom gostiju kraj šanka i stalnih klijenata za stolovima miješao miris jela koja su izlazila iz kuhinje. Imena jela bila su napisana na mađarskom na velikoj ploči obješenoj na zidu. Pili smo vino i podijelili lososa s roštilja, kokoš s gljivama i teletinu s paprikom. Olivia je ustala na kraju obroka, oprostila se i ispričala što nas napušta; bila je veoma umorna i željela je otići spavati ranije da sljedećeg dana ode u razgledavanje. Nakon večere Vincenzo je zapalio cigaretu i naručio votku; pitao me hoću li mu se pridružiti, a ja sam se složio ne baš oduševljen: prošlo je puno vremena otkad sam napustio hotel i moja me noga preklinjala za udobnost kreveta.

Kad je Olivia otišla, Vincenzo nas je odmah izvukao iz obamrlosti u koju je zapao razgovor. Zadnjih me nekoliko sati uvjerilo – ili gotovo uvjerilo – da je, iako blago ekscentričan, Vincenzo zapravo talijanski momak iz dobre obitelji konzervativaca. Otac je bio diplomat, majka je radila za Ujedinjene narode i on je živio sam u obiteljskom stanu u Rimu.

„To je, zapravo, sranje usred kaosa“, reče on, a jasne su oči reflektirale svjetla prostorije.

Nije se samo Olivia činila melankoličnom, pomislio sam; i na Vincenzu se vidjela neobična melankolija za nekoga njegovih godina. Ta je melankolija bila drugačija od one Olivijine, ipak – manje djetinjasta, a više tragična.

„Teško da se Rim može nazvati kaosom“, suprotstavio sam se.

„Oh, ni ne slutiš. Grad je sagrađen protiv svih načela korisnosti i zdravog razuma. A stan... Dobro, bolje da šutim. Moji roditelji provode toliko vremena izvan stana da nisu ni primijetili da gljivice rastu u kutovima dnevne sobe.“

„Za jednog Talijana, poprilično si zaokupljen redom.“

Konobar je došao do nas s dvije čaše čiste votke. Stavio ih je pred nas i udaljio se.

Vincenzo je ispustio dim kroz nosnice.

„Ja sam iz Milana. To objašnjava neke stvari. Isto tako treba voditi računa o činjenici da sam sin jedinac i da praktički živim sam od osme godine. To jest, imao sam *baby-sitters*. Ali su moji roditelji rano shvatili da ja ne trebam toliku pažnju.“

„Pa si ti razvio svoj vlastiti ustroj i zato cijeniš red.“

„Možda sam ja paradoks. Cijenim red, ali mi ne pada na pamet maknuti gljivice odande. Volim ih gledati kako rastu, kao da bi, jednom, mogle preuzeti svijet. Neočekivano će gljivice preuzeti vlast i zamijeniti vladavinu mojih roditelja.“

Počeo sam se smijati zbog apsurdna. Votka je bila ledena i brzo mi je udarila u glavu.

„Zašto se ne preseliš?“

Slegnuo je ramenima.

„Ne želim živjeti u Italiji, a još manje u Rimu. To je zabavno turistima, ali, za jednog Talijana, predstavlja sve mane suvremene civilizacije koja je izgrađena povrh druge, gotovo savršene.“

„Imperator Vincenzo“, rekao sam u šali. „Živio.“

Podigli smo čaše i nazdravili.

„A Nina? Kakva je ta priča?“

Shvatio je moju namjeru i nasmijao se. Iskrivljeni zubi blještali su na jakom svjetlu lampi sa stropa.

„Priča je uvijek ista, dragi moj. Nina ima drugog muškarca u svom životu.“

„I ti imaš drugu ženu.“

„Olivia?“ Vincenzo je ugasio cigaretu, kutovi usana razvukli su se u ciničan smiješak. „Olivia je veliki krevet. Ništa drugo doli nešto u međuvremenu, potrebna pauza između stvari. To je kao kad ideš u kino i, zato što se projektor pokvario, moraš ići van pušiti cigaretu. Sretneš Oliviju, lijepo se družite deset minuta i nakon toga se vraćaš filmu i više se ni ne sjetiš cigarete koju si pušio.“

„Jesi li joj to rekao? Pretpostavljam da će biti oduševljena.“

„Čuvam ovu teoriju da joj napišem neku lijepu ljubavnu pjesmu.“

„Budi ozbiljan. Kako se Nina uklapa u to?“

Vincenzo se naslonio u stolcu i nasmijao.

„Priča je kompliciranija od ovog, ali u principu ide ovako: prije dvije godine, upoznao sam tipa po imenu John McGill u Brightonu. Na tom sam putovanju upoznao i Ninu. U to je vrijeme on već napisao roman, ali ga još nije objavio.“

„Kako se zove knjiga?“

„*The Old Fires*.“

„Točno. Nisam se mogao sjetiti.“

„Čitao si?“

„Pročitao sam ulomke u novinama. Činila mi se pristojna knjiga.“

„McGill je genijalan.“ Vincenzo je ušutio i ostao zamišljen na trenutak. „Da skratim priču: čim je roman bio objavljen, pročitao sam ga u jednom dahu i otišao u Grčku naći se s Taddeom, gdje je on bio na odmoru.“

„Tko je Taddeo?“

„Moj otac. Oprosti. Dalje: ponudio sam mu roman i toplo ga preporučio. Stvar je u tome da Taddeo – Vincenzo je zapalio novu cigaretu, dim je skrivao njegovo ovalno, dječje lice – „putuje svijetom već dvadeset godina i poznaje puno ljudi. Tijekom jednog posjeta New-Yorku našao je Dona Metzgera i pokazao mu McGillovu knjigu.“

„Don Metzger?“

On se nasmijao. Buka oko nas smanjila se i restoran se ispraznio. Mora da je bilo kasno, ali od alkohola sam izgubio pojam o vremenu.

„Metzger je jedan od najvećih filmskih producenata današnjice“, reče Vincenzo.

„Čudno je da nikad nisam čuo za njega.“

„Rekao sam jedan od najvećih, ne najpoznatijih. Producirao je brojne nezavisne filmove koji su osvajali festivale na sve strane. Cijela serija Klause Kaspera uključujući *Glad*, na primjer. *Rimbaudovi dnevnik* prije pet ili šest godina. *Trubadur* Jacquesa Girauda. Jesi li čuo za Elsu Gorski?“

„Najmlađa glumica koja je osvojila nagradu u Cannesu? Naravno da jesam.“

„E pa Elsa Gorski potpisala je ekskluzivni ugovor s Metzgerom kad je imala sedamnaest godina. Samo da shvatiš veličinu stvari.“

„Hoćeš reći da je Metzger producirao sve njezine filmove?“

„Neke da. Neke je dao ljudima od povjerenja. Najzanimljivija stvar oko Dona Metzgera je da se mrzi pojavljivati. On je suprotnost svim ovim holivudskim kurvinim sinovima: nikad ga nećeš vidjeti kako hoda crvenim tepihom. Čak se priča da je koristio druga imena na odjavnim špicama filmova.“

„Neki poseban tip, čini se.“

Vincenzo je zapalio novu cigaretu i meni ponudio jednu. Oklijevao sam, ali sam onda odlučio uzeti. Iskašljao sam ono što sam povukao i dim me potpuno zaslijepio.

„Dobro, htio sam reći, čim je Metzger pročitao *The Old Fires*, odmah je rekao mom ocu da će to biti nevjerojatan film. To je bilo prije godinu dana, a, kao što već znaš, te filmske stvari otegnu se cijelu vječnost. Kada sam novost rekao McGillu, on se toliko oduševio da me došao posjetiti u Rim, u društvu Nine.“ Napravio je dužu pauzu. „Ja i Nina zbližili smo se tijekom tog posjeta.“

„A ti i McGill?“

Vincenzo se nasmiješio, iako nisam mogao reći je li to bio ironičan ili tužan smiješak.

„Recimo da smo ja i McGill imali svoje probleme. Nismo neprijatelji ni nešto slično, nemoj me krivo shvatiti. Samo što John ima jako snažnu ličnost. Koja, ponekad, prelazi u neku vrstu...“

„Vrstu čega...?“

„Arogancije možda. Ili prijezira. Teško je reći.“

„Razumijem“, odgovorim. Cigareta mi je počela posebno goditi.

„Ja i Nina počeli smo se povremeno nalaziti. Ona dosta putuje zbog posla, ja dosta putujem jer imam potrebu pobjeći iz Rima kad god je moguće. Siguran sam da McGillu nikad nisu bili zabavni ti susreti bez njegova nadzora.“

„Neka vrsta Audrey Hepburn u filmu *Praznik u Rimu*.“

„Ako sam ja američki novinar, onda sigurno.“

„Hoćeš reći da, u ovom trenutku, John McGill u Brightonu izvodi vudu na lutki koja malčice liči na tebe.“

Vincenzo je pozvao konobara i naručio još dvije votke. Ja sam pokazivao da neću, ali Talijan me nije doživio.

„Teško. Objasniti ću ti jednu stvar: Nina ne bi bila ovdje da McGillu nije u interesu. Istina je da je Nina dogovorila poslovne sastanke u Budimpešti, ali pravi motiv njezina dolaska su nove vijesti od Dona Metzgera. Otac mi je rekao, prije nekih dva tjedna, da je ponuda za kinematografska prava na roman gotovo spremna za dogovaranje detalja i da u bilo kojem trenutku telefon može zazvoniti. Kad sam to ispričao Nini, odmah je rekla da će se naći s nama u Mađarskoj.“

„Stvarno misliš da je Nina tu samo zbog toga?“

Vincenzo je razmišljao na trenutak. Činio se neobično trijezan, kao da je piće kod njega imalo suprotan učinak od uobičajenog. Slegnuo je ramenima.

„Nije na meni da razmišljam o njenim razlozima. Nina je dobra osoba i obožava Johna; oboje savršeno znaju da je ovo najizravniji put između njega i Dona Metzgera.“

„Kako to? Metzger nije mogao riješiti stvar s agentom? McGill sigurno ima agenta.“

„Ima. Ninu.“

„Sad mi je jasno. A producentu nije lakše direktno je nazvati?“

Vincenzo se nasmiješio. „Nije ti stvar sasvim jasna, ili barem još nije. S Donom Metzgerom ništa ne ide uobičajenim putovima, on surađuje s agentima samo u kasnijim fazama. Prvo inzistira da osobno upozna sve autore u koje ulaže. Kada odluči napraviti ponudu za prava na knjigu, napraviti će to što je moguće diskretnije i nazvat će mojeg oca, koji mu je i pokazao knjigu. Don će nazvati mog oca, moj otac nazvat će mene, ja ću razgovarati s Ninom, ona će prenijeti novosti Johnu. Tim redom.“

„Krug se zatvara.“

„Upravo tako.“

„Zanimljiv lik, taj Metzger“, zaključio sam.

„Pretpostavljam da da.“

„Znači ni ti ga ne poznaješ.“

Vincenzo je potvrdno klimnuo glavom.

„Dobro, i kako će on osobno upoznati McGilla, ako odluči uložiti u njega?“

„U tom slučaju, ja ću biti posrednik koji će ga predstaviti.“

„Ma kako? Što će se dogoditi?“

Vincenzo me pogledao s glumljenom napetošću. Povukao je stolac prema naprijed i nagnuo se preko stola, približavajući svoje lice mojemu.

„Dogodit će se Dobra Zima.“

Gledao sam ga neko vrijeme, pokušavajući shvatiti jesam li ga dobro čuo. U tom trenutku posljednja grupa gostiju izlazila je iz Borbírósága i konobari su počeli čistiti restoran.

„Što je to?“

Vincenzo je namjerno napravio pauzu da bi povećao napetost. Udario je vrhom cigarete o pepeljaru i pepeo je pao.

„Dobra Zima je naziv koji Metzger koristi za ljetovanje u Italiji. Lik ima imanje na jugu zemlje, negdje između Napulja i Rima, blizu malog gradića na obali po imenu Sabaudia.“

„Nikad čuo.“

„Sabaudia je neobično mjesto, spada negdje između talijanske realističke kinematografije koju je odobrio Vittorio Mussolini, sin velikog diktatora, i najboljeg Fellinijevog nadrealizma. Teško je objasniti. Mussolini je dao naredbu da se grad izgradi na širokom području isušene močvare. Izgrađen je prema čistoj arhitekturi fašističkog režima i mnogi njegovi stanovnici su... Pa dobro, ogorčeni starci koji žale za vremenima diktature samo zato jer su tada još bili mladi, onako kako odrasli ponekad žale za vremenima kada su odrastali. A u isto vrijeme, Sabaudia je bila Pasolinijevo i Moravijino ljetovalište.“

„Bizarno mjesto.“

„Kako god. Ljetovanja na Metzgerovom imanju poznata su unutar međunarodne umjetničke zajednice, i to ne samo kinematografske. Od kraja sedamdesetih kada je lik kupio teren i dao sagraditi kuću kamo poziva prijatelje i one s kojima želi raditi u budućnosti. To je način da se osjećaju udobno. Vidiš, Metzger je vrlo diskretan u svakodnevnom životu, ali kad dođe u Italiju, stvari se u potpunosti mijenjaju. Moj je otac bio tamo nekoliko puta i rekao je da su zabave za ostati bez teksta. James Leffers bio je pozvan i stigao je u Sabaudiju s ekipom od deset ljudi koji su došli iz Kalifornije s njim. Tog je ljeta počeo pisati *Bandwagon*.“

„Koji je kasnije bio adaptiran za filmsko platno.“

„A adaptirao ga je Metzger.“

„Uvjeren si da je ove godine došao red na McGilla.“

Vincenzo je podigao obrve.

„Možda nije red samo na McGillu.“

„Kako to misliš?“

„Znaš li što mi je otac rekao?“

„Strah me saznati.“

Vincenzo se opet nagnuo preko stola i tiho progovorio.

„Rekao mi je da bih, ako Metzger odluči pozvati McGilla, i ja trebao doći. Rekao mi je, na telefon, da je objasnio Donu da smo ja i McGill prijatelji i da je Don odgovorio da bi me volio upoznati.“ Vincenzo odloži cigaretu u pepeljaru i preplete prste ruku. „Moj je otac bio mojih godina kad je prvi put bio u Donovu ljetnikovcu. I on misli da je došlo vrijeme da ja iskusim Dobru Zimu.“

„Ne bi li bilo bolje da te tip sam pozove?“

„Pravilo je ovakvo: moraš biti povezan s nekim tko izaziva Donovan interes; kad to imaš, vrata vile u Sabaudiji su otvorena. Gle, ja imam McGilla. A sad je i čovjek rekao da bi me volio upoznati. To se, prijatelju, zove jedinstvena prilika.“

„Prilika za što?“

Vincenzo je popio ono što je još ostalo od votke.

„Da mu pokažem da ima još jedan Gentile koji nešto vrijedi.“

Počeo sam se smijati. „Nisam mislio da si oportunist.“

„Nisam oportunist“, odgovori. „Znatiželjan sam. Volim avanture i trebam ih za svoje priče. Osim toga, u kući u Sabaudiji sklapaju se milijunski ugovori i osiguravaju karijere na obali jezera. Ja volim jezera. Isto tako se puno pije, kaže moj otac. A ja volim piti. Ako se Metzger zainteresira za ono što pišem, super. Ako ne, ono što se važi je činjenica da sam bio tamo, da sam proživio trenutak. A osim toga, tko zna što se može dogoditi? Možda, diskretno, ubacim čovjeku ispod jastuka jedan primjerak *L'ultima rivoluzione*.“ Napravio je kratku pauzu. A onda ponovio: „Možda.“

„Još mi nisi objasnio ovu priču o Dobroj Zimi. Pa u lipnju smo, kvragu.“

Slegnuo je ramenima i ponovno uzeo cigaretu.



„Nemam pojma. Godinama slušam oca kako koristi taj izraz. Pretpostavljam da samo Metzger zna odgovor.“

„Dobro, ako jednog dana otkriješ zašto, prosvijetli me.“

Maknuo sam salvetu s krila, potražio dršku štapa ispod stola i zijevnuo. Restoran je bio potpuno prazan, a posljednji i usamljeni konobar čistio je šank mokrom krpom. „Super mi je razgovor, ali sutra nas čeka dugačak dan. Idemo?“

Vincenzo je izgledao kao da ne čuje.

„Slušaj, imam zvjersku ideju.“

Položio sam salvetu na stol.

„Famozne posljednje riječi prije neizbježne katastrofe.“

„Ako stigne poziv, mogao bi ići s nama u Sabaudiju.“

Gledao sam u njega s nevjericom.

„Ne želim ispasti nepristojan, ali tek smo se upoznali.“

Vincenzove oči sjajile su od entuzijazma.

„Ozbiljno, pogledaj dobro mogućnosti. Mi smo dva pisca, dva mlada čovjeka. Provesti nekoliko dana u Metzgerovoj kući moglo bi biti jebeno iskustvo. Čija je prednost da se može dogoditi upravo sada.“

„Slušaj“, rekao sam, oštro ga prekidajući. „Ovo je prvi put da čujem tu priču. O Metzgeru, o Sabaudiji, o *Dobroj Zimi*, što god to trebalo značiti. Iako cijenim tvoj entuzijazam, nisam u nekom periodu života da ga dijelim s tobom.“ Podigao sam štap i pokazao mu ga. „Ja sam invalid od trideset i nešto godina i moram spavati.“

Vincenzo me promatrao nekim podrugljivim pogledom.

„Štap te nije spriječio da dođeš do Budimpešte.“

„Bio sam pozvan. I ne idem nikamo ako nisam pozvan, a, u većini slučajeva, ne idem ni onda kada me pozovu.“

„Već sam ti rekao da s Donom Metzgerom stvari tako ne funkcioniraju. Pogledaj samo Jamesa Leffersa.“

„Leffers je osvojio Pulitzera“, odgovorim, umoran. „Čak i da je kuća tog producenta zajednica umjetnika u kojoj nitko ne treba pozivnicu jer, na kraju krajeva, umjetnici nikad ne trebaju pozivnicu ni za što, u ovom trenutku ima drugih neodgovivih stvari u mojem životu.“

Talijan me pogledao izazivački.

„Kao na primjer?“

Konobar nam se približio i obavijestio nas da se restoran zatvara. Pogledao sam sat na zidu: bilo je skoro jedan ujutro.

„Kao na primjer uzeti taksi do hotela“, odgovorio sam.

Vincenzo je ispustio neki sarkastičan smijeh.

„Ti si uvijek bio takav?“

„Kakav?“

„Nedostupan. Zatvorena knjiga za ostatak svijeta.“

Duboko sam uzdahnuo. Konobar nas je gledao iz daljine.

„Moj je problem uvijek bio ono suprotno. Barem do prije nekoliko godina. Dugo sam vremena bio previše dostupan. Previše spreman isprobati pomalo od svega. Želio sam biti na sve strane u isto vrijeme i bio sam ljubomoran na sve ljude koji su bili na nekom drugom mjestu. Pomalo kao starci kojima nedostaje diktatura samo zato jer su u to doba još bili mladi. Bio sam hedonist, a hedonizam se skupo plaća.“ Desnom rukom oslonio sam se na štap i teško se dignuo. „Sad moram spavati“, rekao sam, završivši razgovor.

Izašli smo i uzeli taksi. Kada smo prešli most između Budima i Pešte, Vincenzo se nasmiješio i rekao:

„Ne moraš odmah odgovoriti. Razmisli o tome.“

Svjetla grada reflektirala su se u vodi kao potonuli dijamanti u dubinama.

## VII

Spavao sam s prekidima zbog bolova. Kada sam spavao, imao sam čudne snove koji su prelazili u noćnu moru: neka skrivena kuća usred šumarka, Mussolini koji se utapa u močvari, kostur žene Wilhelma Rontgena, Nina i Vincenzo kako vode ljubav u prljavoj vodi u nekom londonskom kanalu. Probudio sam se iscrpljen, bez ikakve energije. Vincenzo, Nina i Olivia pojavili su se u devet i pol u taksiju te smo otišli direktno u Kongresni centar Budimpešta, u Jagelló út, kraj nekog modernog hotela. Talijan je izgledao kao da je spavao tjedan dana pa je, s energijom koju sam ja počeo smatrati nepodnošljivom, neprestano pričao o planovima za Sabaudiju, kamo sam ja objasnio da ne želim ići. Olivia ga je pažljivo slušala, dok je on, na

prednjem sjedalu, kraj vozača, nudio opis Metzgerova imanja na temelju opisa koji mu je dao otac. Nina je sjedila kraj mene i udarila me laktom.

„Izgleda da si sinoć sve saznao“, reče smiješeći se.

„Puno više nego sam htio“, odgovorim.

„On je takav. Entuzijastičan po pitanju svega.“

„I ti bi trebala biti entuzijastična. Na kraju krajeva, to su odlične vijesti za McGilla.“

„Radije ću pričekati da vidim“, odgovori.

„A ako se to dogodi? Ako taj Don Metzger želi prava na roman?“

Nina je izgledala zbunjeno.

„Odlično za Johna. Odlično za mene, koja ga predstavljam.“

„Ne mislim na to“, rečem promatrajući pažljivo Ninine plave oči. „Ako se dogodi, ideš li u Sabaudiju s Vincenzom?“

Talijan je i dalje glasno razgovarao s Olivijom. Naš razgovor bio je ugušen njegovim glasom i gustim prometom. Nina je oklijevala trenutak.

„Čini se da da. Hoću reći, ako bude potrebno da se posao ostvari. Očito Don voli živjeti s umjetnicima i piscima, ali netko treba staviti to na papir.“

Bila je loše raspoložena i odlučio sam provocirati je.

„A John? Što on misli o tome?“

Ispitivački me pogledala. A nakon toga rekla:

„John će nam se zasigurno pridružiti.“

Nina je šutjela ostatak putovanja. Kada smo stigli u Kongresni centar, odlučio sam udaljiti se od to troje ljudi ostatak svog boravka u Budimpešti. Mjesto gdje su se održavale konferencije bila je moderna zgrada sa staklenim prozorima koji su reflektirali sjajno jutarnje sunce i stepeništem koje je vodilo u različite dvorane. Rastali smo se na ulazu – Vincenzo je imao zakazanu prezentaciju u nekoj drugoj dvorani, a Olivia i Nina su ga pratile – i obećao sam, bez ikakve namjere da ispunim obećanje, da ću ih pronaći nakon završetka. Tako sam ostao sam na sredini predvorja. Sljedećih pet minuta bio sam slijep od toliko svjetla i vukao se sa štapom, zbunjen i izgubljen, pokušavajući pogledom uhvatiti stotine ljudi koji su se kretali u različitim smjerovima u potrazi za nekim tko bi mi mogao pomoći i proklinjući ih što su me ostavili. Mađarski izgovor počeo me živcirati kao pčela koja mi zuji u ušima. Eva Kalman pojavila se odjednom niotkuda i uhvatila me snažno za desnu ruku.

„Dođite, dođite“, rekla mi je, smiješeći se, i odvela me u lift.

Predavanje je bilo užasno. U mojoj se grupi nalazilo pet pisaca iz Istočne Europe i jedan debeo i znojan Škot koji je objavio povijesni roman. Dvorana je bila napola puna i, iz nekog razloga, glasovi iz obližnje dvorane dolazili su do nas kao daleka jeka. Umoran i u bolovima, pogledao sam svoje kolege oko stola i pomislio da su gori nego dan prije, kao da je odrpani izgled s kojim su se predstavili u palači Karolyi bio svečano odijelo u usporedbi s time kako su izgledali tog jutra. Voditelj je predstavio svakog od sudionika i kada je na mene stigao red da sudjelujem, namjerno sam, da proturječim rumunjskoj pjesnikinji koja je upravo govorila, ušao u klevetničku kritiku o preranoj smrti europske poezije, argumentirajući da nakon Drugog svjetskog rata i T. S. Eliota nije bilo ničeg osim egzistencijalne praznine prošarane nedosljednim kihanjem. Teza je u potpunosti bila neplanirana i bez temelja i pisci su je primili s jezom, a publika s neugodnim tišinama, sve dok voditelj nije prekinuo moje ratoborno izlaganje i promijenio izlagača.

Pauza za ručak proveo sam u kantini zgrade, štap sam naslonio na prozorsko staklo, promatrajući pisce koji su jeli u malim grupama i publiku kako puši cigarete na terasi. Možda sam prešao granicu, pomislio sam dok sam uzimao još jedan zalogaj ragua, ali nisam imao nikakav osjećaj krivnje. U tom trenutku obećao sam sâm sebi da više nikad neću sudjelovati u susretima pisaca i sjetio se Nininih riječi – i njenog umirujućeg glasa, i njenog spokojnog lica – kada je rekla da su pisci kukavice i lažljivci i da nalaze utočište u književnosti koja je nestvarna laž u zamjenu za stvarni život koji stalno odbijaju.

Popodnevna predavanja prošla su bez oduševljenja. Publika se pojavila u većem broju, ali sudionici su izgubili jutarnji sjaj pa su se razgovori vrtjeli u krug. U prvom me redu Eva Kalman gledala s mješavinom nevjerice i sažaljenja. Kada je predavanje završilo, oko pet, publika je mlitavo zapljeskala onima koji su vjerojatno bili najdosadniji pisci europske književnosti te sam, iscrpljen, odšepao iz dvorane, odlučan da pošteno odspavam jednu noć i da smislim neku ispriku da izbjegnem rasprave sljedećih dana.

U predvorju sam se spustio stubištem koje je vodilo van, na trg gdje se red taksija gomilao iza jednog kioska, kada sam čuo Olivijin glas. Okrenuo sam se i vidio je kako sjedi na gornjoj stepenici, ruku prekrštenih na nogama, i puši cigaretu. Popodnevno svjetlo u potpunosti je tuklo po njezinoj plavoj kosi, koja je bila raspuštena i pokrivala joj pola lica.

„Bježiš?“, upita.

Popeo sam se dvije stepenice dok moje oči nisu bile u visini njenih.

„Ozbiljno sam to razmatrao“, priznam. „A ti? Što je s Vincenzom?“

Olivia je pokazala prema vratima. „Prima pohvale i daje autograme.“

„Vau. Očito je dobro prošlo.“

„On je takav“, odgovori Olivia, sliježući ramenima. Izgledala je umorno. „Privlači pozornost gdje god mu daju priliku da govori.“

„Ne izgledaš jako oduševljeno.“

Olivia se pokušala nasmijati svojim savršenim zubima. Smiješak je ispao lažan.

„Zapravo, malo me nervira.“ Pogledala me na trenutak. „Možeš li malo sjesti tu?“

Oklijevao sam, ali sam se na kraju popeo preostalim stepenicama i sjeo kraj nje. Imala je majicu na bretele, a, kroz dekolte, zapazio sam crni *soutien* koji je nosila ispod.

„Ne znam jesam li najbolja osoba za to“, upozorio sam.

„Ova priča o Nini i momku“, prekinula me Olivia ne slušajući me. „Ova priča o Sabaudiji. Odjednom, kao da ništa više ne postoji; kao da ja ne postojim. Otkad ga je otac nazvao i rekao mu za moguću ponudu Ne-znam-kolikog, kao da ostatak svijeta ovisi o tome ili kao da je život počeo sada i sve što je ostalo iza, nebitno je.“

„Don Metzger.“

„Što?“, upita glasno Olivia.

„Ne-znam-koliki zove se Don Metzger.“

„No dobro“, prihvati. „Otkad se to dogodilo, ne znam. Kao da se Sunce prestalo vrtjeti oko Zemlje.“

„Obrnuto je“, ispravim je.

Olivia je izgledala zbunjeno.

„Ozbiljno?“

„Sve je u redu, ti si pred-galileovka. Svatko ima svoje mišljenje.“

Olivia se počela smijati. Bio je to iskreni smijeh; barem je to bilo u njezinu korist.

„Imaš pravo, kako sam glupa. Naravno da je tako. Zemlja oko Sunca.“

„Pričala si o Sabaudiji.“

Olivia je nastavila priču.

„Hoću reći, knjiga čak ni nije njegova. Od nekog je Engleza kojeg ja ni ne poznajem. Kada se Vincenzo zanese, ulaže u bilo što, samo da je uzbudljivo. Ili se njemu čini uzbudljivo.“

Misliš da je to normalno? Misliš da je normalno da je toliko zanesen sa stvarima koje ga se ne tiču? Kao da je uspjeh drugih njegov uspjeh?

„Jučer smo malo pričali na večeri. Nije mi se činilo da je tvoj dragi toliko nesebičan.“

„Onda mi reci iz kojeg razloga moramo ići u Sabaudiju s Ninom ako taj Metzger nazove zbog knjige koju nije napisao Vincenzo?“

Ostao sam bez riječi, pokušavajući procijeniti, u svojoj glavi, najbolji način da izađem iz te zbrke.

„Jesi li razmišljala da to može biti dobra prilika za njega? Ako su stvari takve kakvima se čine, ako je Metzger stvarno takva faca i ako je Vincenzov roman dobar, možda će imati sreće kao i McGill.“

„Olivia me pogledala s nevjericom. „McGillov roman je bio uspješnica u Engleskoj. A Vincenzov roman je prodan u tri ili četiri tisuće primjeraka u Italiji.“

„Ali Vincenzov otac i Metzger su prijatelji, što je velika prednost.“

„Taddeo mu nikad ne bi pokazao sinov roman.“

„Zašto ne bi nikad pokazao?“

Olivia je odmahнула glavom. „Nikad. To je obiteljska tradicija: ne pomažu si međusobno, ili si, u najmanju ruku, ne pomažu na izravan način. Previše su ponosni. Svatko je za sebe. Nijedan od njih ne voli pokazivati ljubav ili da si nedostaju, nijedan od njih ne želi priznati da treba druge. Zato sve rade ispod stola.“

„Što želiš reći? Da je Taddeo pokazao McGillov roman Metzgeru s drugim namjerama?“

„On ti je sigurno ispričao“, odgovori Olivia, smiješeći se kao da ja pokušavam preusmjeriti razgovor. „Ne-znam-koliki rekao je Taddeu da želi osobno upoznati Vincenza, što je on protumačio kao pozivnicu da dođe u Sabaudiju zbog Englezove knjige. Nada se da će ga producent shvatiti ozbiljno i razmotriti i njegov roman. I, za to vrijeme, sve se čini kao normalna stvar, a zapravo je Taddeo isplanirao cijelu situaciju. Tako oni rješavaju stvari. Bizarno, zar ne?“

Počelo je zahlađivati i lagani vjetar kružio je trgom.

„Gle, sumnjam da postoji ijedan pisac koji ne bi volio vidjeti svoj roman u kinu. Prava vrijede cijelo bogatstvo, a da ne govorimo o broju ljudi do kojih, odjednom, dođe tvoja priča. To je razumljiva težnja.“

„Za normalne osobe, da. Za Vincenza je potpuno suprotno.“

„Kako to misliš, suprotno? Jučer mi je pričao da će jedan primjerak staviti Metzgeru pod jastuk.“

Olivia je skrenula pogled i zagledala se u goluba koji je, nesiguran, poskakivao stepenicama. Potom je uzdahnula.

„Ne znam objasniti. Sve mi uvijek izgleda kao izlika za neke druge stvari. Poznajem ga već dugo vremena; poznajem ga previše godina. Ništa na njemu nije transparentno. Taddeo je isto takav. Sabaudia je iskustvo, kao što je i pisanje iskustvo, kao što su Nina i McGill iskustvo. Kao što sam ja iskustvo. Mislim da je to način na koji živi. Da vidimo što će se dogoditi ako ja zamutim te vode. Da vidimo što će se dogoditi ako ja zaronim u tu rijeku. Možda ne razumiješ što ti govorim jer, kada upoznaš Vincenza, on ima takvu energiju da nas ostavlja zaprepaštene, zar ne? Kasnije jednostavno postaje iscrpljujuć.“

„Ima dvadeset i pet godina. To je normalno.“

„Ja imam dvadeset i pet godina“, odgovori.

Vrata iza nas otvorila su se i desetak ljudi počelo se spuštati stepenicama. Predavanja su završila.

„Možda je drugačije kod muškaraca. Možda u toj dobi postoji povećana doza nemira.“

„Ne znam mogu li podnositi toliko nemira“, nadoda Olivia, dižući se. „Ne znam koliko još vremena mogu to podnijeti bez da izgubim glavu.“

Pružila mi je ruku da mi pomogne. Spustio sam štap na pod. Ljudi su se spuštali stepenicama, udaljavajući se od nas.

„Ponekad bih voljela da je on više sličan tebi“, rekla je Olivia.

Ta me izjava prestravila.

„Mislim da se varaš“, odgovorim.

„Stariji, to mislim. Zreliji.“ Razmišljala je sekundu. „Jednostavniji.“

Olivijine riječi pogodile su me kao munja. Ja, prerano postali invalid, imao sam ulogu romantičnog muškarca – ili kastriranog muškarca. Pokušao sam brzo izmisliti neki sarkastičan odgovor, ali, kad sam se dosjetio, Vincenzo i Nina već su se spuštali stepenicama. Talijan je došao nešto euforičan i crven od vrućine koja je bila u zgradi; Nina je izgledala smireno kao i obično.

„Čuo sam da si napravio lijepi spektakl ujutro“, reče Talijan, paleći cigaretu. „Unutra si već neka vrsta mitološke figure koja jede pjesnike za doručak.“

Slegnuo sam ramenima. Nisam imao strpljenja za provokacije. Napravio sam neku uobičajenu gestu glavom.

„Bok. Ostavio sam analgetike u hotelu pa me zovu.“

„Hej“, progovori Vincenzo spustivši se za jednu stepenicu. Imao je povećane zjenice. „Jesi li razmislio o ponudi jučer?“

Nisam uspio izbjeći smiješak nevjerice; ono je bio čovjek s misijom. Kao što je rekla Olivia, bio je čovjek spreman zamutiti vode i roniti u toj rijeci. Skinuo bih mu kapu, da sam imao kapu; ipak, u tom sam trenutku trebao čvrsto tlo.

„Zahvaljujem ti još jednom“, odgovorim, udarajući štapom o kamenu stepenicu. „Još jednom ću odbiti.“

Uputio sam zadnji pogled Nini i Oliviji, i odšepao u smjeru stanice za taksi. Osjećao sam Talijanov pogled kako me žari po leđima.

Uzeo sam lijekove i odmah zaspao. U posljednjem trenutku budnosti, pomislio sam, ne znajući zašto, na Magdu. Slatka Magda, koju sam doveo do granica strpljivosti svojom nedostupnošću za sve. Osjetio sam neko uzbuđenje seksualne prirode, ali sam bio previše umoran da ga istražujem te sam zaspao. U pola dva u noći probudio sam se prestrašen. Imao sam zastrašujući osjećaj da netko sjedi kraj mojeg kreveta i svira bubanj. Otvorio sam oči, upalio svjetlo, pogledao na sat i, pospan, shvatio da netko snažno lupa po vratima sobe. Čuo sam muški glas kako nekoliko puta izvikuje moje ime. Opsovao sam i digao se iz kreveta teturajući. Ostavio sam štap na kauču na drugoj strani sobe, ali sam, hvatajući se za predmete koje sam nalazio na putu, uspio doći do vrata bez da padnem. Pogledao sam kroz špijunku i na hodniku vidio Talijanovo lice, deformirano iz te perspektive, krivi nos prevelik za ostatak lica, izbečene oči.

Otvorio sam vrata i Vincenzo je ušao, pjevajući moje ime. Imao je zapaljeni duhan u desnoj ruci. Bio je pijan.

„Dobra gajba“, reče, gledajući uokolo. Nakon toga bacio se na rub kreveta, podupirući glavu dlanom.

„Znaš li koje je doba?“

Teško sam se vukao i pošao potražiti štap na kauču.

„Doba je za druge prilike, dragi moj.“

Otišao sam u kupaonicu i umio lice.



„Za što?“

„Jesi li već gledao *Michaela Claytona*?“

Osušio sam lice ručnikom; i dalje sam bio snen od spavanja i lijekova. Vincenzov glas, previše nazalan i pod utjecajem alkohola, ranjavao mi je uši kao sirena na kolima hitne pomoći.

„Film?“

„Da, film. Sjećaš se onog dijela kada lik, sam Clayton, zaustavlja auto nasred ceste u nekom polju i, bez da znamo zašto, nađe se sa stadom divljih konja koji pasu travu na proplanku?“

Izašao sam iz kupaonice i krenuo tražiti analgetike; našao sam ih ispod zametnute čarape koja je bila na stolcu. Uzeo sam dva.

„Više-manje. To je za tebe važno u ovo doba?“

„Ne, važno je za tebe“, ispravi me, pridižući se, a pepeo smotane cigarete pao je na plahtu. „Clayton se spasi od smrti u eksploziji auta jer ide vidjeti stado konja. *Deus ex machina*. Slobodna volja posreduje u tvoju korist. Ti si, prijatelju moj, Clayton, a ja sam tvoje stado. Budi spašen.“

Sjeo sam na stolac i duboko udahnuo.

„Kasno je. Počinjem gubiti strpljenje za te šarade.“

„Tvoj povratak kući je bomba u autu. Bum.“

Napravio je gestu kao da je nešto eksplodiralo u zraku.

„Bože“, progovorim, iziritiran. „Još je uvijek riječ o Sabaudiji?“ Duboko sam udahnuo. „Slušaj, ja cijenim činjenicu da si me pozvao. Ali promisli na trenutak o apsurdnosti situacije.“

„Moj je otac nazvao.“

Šutio sam.

„Moj je otac nazvao“, ponovi. „Metzger nas želi u Italiji što je brže moguće.“

Osjetio sam da mi je mučno. Lijekovi su mi plivali po praznom želucu.

„Odlično za vas. Odlično za McGilla, za tebe i za Ninu. Nadam se da će sve proći savršeno.“

„Dobro, neću više inzistirati. Ali barem ovo uradi za mene: dođi s nama popiti piće, neka vrsta službenog oproštaja.“

„Kada?“

„Sada. One čekaju dolje.“

Pogledao sam na sat na noćnom ormariću. Bilo je petnaest do dva.

## 6. Conclusão

João Tordo, como um autor bastante novo na literatura portuguesa, provocou o interesse da crítica literária com o seu romance *O Bom Inverno*. Como pudemos ver neste trabalho alguns críticos concordam que a escrita do João Tordo se revela muito interessante não só por causa do conteúdo ao nível do *plot*, mas também por causa da intertextualidade e do jogo paródico que o autor inclui no seu romance. Por outro lado, há críticos que comparam a sua escrita aos „Reality Shows“ como „Big Brother“, dizendo que ele pertence à indústria de escrever e que o texto e a ação são feitos para indicar uma possível transposição para o cinema.

Quando estávamos a falar das características da escrita ao nível do texto destacámos os diálogos curtos e leves, ritmo narrativo rápido, e, por outro lado, a narração composta por frases extensas. Ao nível lexical destacámos as palavras que pertencem à gíria, palavras com um significado coloquial, o uso dos epítetos e o uso das expressões idiomáticas. Resumindo tudo, podemos dizer que a escrita de João Tordo, quando estamos a observar a língua, fica muito próxima aos leitores de todas as idades pela sua simplicidade e leveza.

Todas as características que destacámos dentro da análise estilística tratámos de transmitir no texto traduzido para o croata. Traduzir João Tordo para a língua croata foi um verdadeiro desafio, mas ao mesmo tempo muito interessante.

## 7. Resumo em língua croata

(Sažetak na hrvatskom jeziku)

Ovaj rad temeljen je na romanu *O Bom Inverno* objavljenom 2010. godine, a čiji je autor portugalski pisac João Tordo. U prvome dijelu rada predstavljen je sam autor, sadržaj romana te podijeljena mišljenja književne kritike. Dio kritičara smatra Torda predstavnikom novog portugalskog romana 21. stoljeća, dok drugi uspoređuju roman *O Bom Inverno* sa scenarijem Reality Showa poput Big Brothera, govoreći da pripada industriji pisanja. Drugi dio rada sadrži stilističku analizu romana podijeljenju na razinu teksta i na razinu riječi. Na razini teksta istaknute su duge rečenice koje tvore pripovijedanje te, sasvim suprotni, kratki i tečni razgovori. Na leksičkoj razini izdvojene su riječi koje pripadaju žargonu, riječi s kolokvijalnim značenjem, epiteti, upotreba frazema te intertekstualnost kroz upotrebu citata. Svi portugalski primjeri iz teksta potkrijepljeni su hrvatskim prijevodom. Posljednji i najveći dio ovog rada predstavlja prijevod ulomka romana *O Bom Inverno* na hrvatski jezik.

Palavras-chaves: João Tordo, *O Bom Inverno*, língua portuguesa, língua croata, análise estilística, nível do texto, nível lexical, tradução

Ključne riječi: João Tordo, *O Bom Inverno*, portugalski jezik, hrvatski jezik, stilistička analiza, razina teksta, leksička razina, prijevod

## Referências bibliográficas

1. Ciberdúvidas da língua portuguesa. [www.ciberduvidas.com](http://www.ciberduvidas.com) (consultado em 15 Maio 2014)
2. Dicionário inFormal. [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br) (consultado em 20 Junho 2014)
3. *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [www.infopedia.pt](http://www.infopedia.pt) (consultado em 4 Abril 2014)
4. João Tordo. [www.joaotordo.blogs.sapo.pt](http://www.joaotordo.blogs.sapo.pt) (consultado em 15 Set. 2014)
5. Marques, Isabel Simões e Andrea Teletin: „Quando *os portugueses se vêem gregos* ou a questão dos estereótipos culturais em expressões idiomáticas portuguesas e francesas“, em *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; Lisboa, APL, 2011; p. 343-357.
6. Nogueira, Alberto Velho. „O Bom Inverno – João Tordo – Publicações Dom Quixote, 2012 – Análise de um livro – O uso da língua e a sua relação ao litorais 36“. *Alberto Velho Nogueira – Homen a Janela*, 26 Nov. 2013; [www.albertovelhonogueira.blogspot.com](http://www.albertovelhonogueira.blogspot.com) (consultado em 5 Out 2014)
7. Pitta, Eduardo: „O Verão Verdadeiro“. *Público: Cultura: Ípsilon*, 1 Set. 2010; [www.publico.pt](http://www.publico.pt) (consultado em 28 Out. 2014)
8. Ribeiro, Eunice: „João Tordo“, em *Colóquio – Letras: revista quadrimestral, número 177*; diretor Nuno Júdice, Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2011; p. 246-249.
9. Tordo, João: „O Bom Inverno“. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010.
10. WordReference: Language Forums. [www.forum.wordreference.com](http://www.forum.wordreference.com) (consultado em 18 Junho 2014)